



# História, Historiografia e Literatura na Cidade do Rio Grande

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
LUCIANA COUTINHO GEPIAK  
LUIZ HENRIQUE TORRES**

**76**



Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





# História, Historiografia e Literatura na Cidade do Rio Grande





## **CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves  
Luciana Coutinho Gepiak  
Luiz Henrique Torres

# História, Historiografia e Literatura na Cidade do Rio Grande



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2024

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira

**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco

**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

## **Ficha Técnica**

- Título: História, Historiografia e Literatura na Cidade do Rio Grande
- Autores: Francisco das Neves Alves; Luciana Coutinho Gepiak e Luiz Henrique Torres
- Coleção Rio-Grandense, 76
- Composição & Paginação dos autores
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2024

ISBN – 978-65-5306-025-8

**CAPA:** Esboço de uma vista do Porto do Rio Grande de Hermann Rudolf Wendoroth



## **SUMÁRIO**

**Dois historiadores rio-grandinos e a relevância historiográfica dos relatos de cronistas estrangeiros / 11**

Francisco das Neves Alves

**Os primeiros passos da imprensa feminina e literária sul-rio-grandense: o papel de Revocata Heloísa de Melo / 45**

Luciana Coutinho Gepiak

**Hermann Wendroth e a cidade do Rio Grande em 1851 / 77**

Luiz Henrique Torres



# **Dois historiadores rio-grandinos e a relevância historiográfica dos relatos de cronistas estrangeiros**

Francisco das Neves Alves<sup>\*</sup>

Verdades inquestionáveis ou asserções esquecidas embaixo dos tapetes da historiografia – estes têm sido, normalmente, os caminhos seguidos pelos relatos de cronistas estrangeiros que fizeram referências às terras e à gente rio-grandense-do-sul, desde tempos remotos até outros mais contemporâneos. Ainda que pinçadas e realçadas ou ainda esquecidas propositalmente em alguns de seus detalhes pelos historiadores, as narrativas dos viajantes/estudiosos estrangeiros passaram, já há muito tempo, a constituir verdadeira pedra de toque da produção historiográfica sobre o Rio Grande do Sul. A carência de outras fontes, a

---

\* Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

visão *in loco*, o testemunho ocular dos fatos, a narração de momentos cotidianos são apenas alguns dos fatores que tanto tem elevado a relevância desses cronistas como autores de obras para uma melhor compreensão histórica da evolução humana rio-grandense.

Ainda que fossem inúmeras as nacionalidades, com forte predominância dos europeus, procedimentos os mais variados e objetivos de viagem extremamente diversificados, um fator seria o elo entre esses cronistas, a vontade de transmitir através do texto escrito suas vivências nas terras meridionais do Brasil. Alguns deles ganhariam mais notoriedade, outros permaneceriam quase que obscurecidos, mas todos trariam em seus escritos o desvelar de elementos da história gaúcha, envolvendo desde questões estruturais/conjunturais até as circunstanciais, desde fenômenos decisivos até o mais despretensioso pormenor. Revelando suas visões de mundo, chamando atenção mormente para o que consideravam diferente em relação ao seu *modus vivendi*, os cronistas estrangeiros, transformar-se-iam em formidáveis fontes ou mesmo objeto de pesquisa de natureza histórica. Este trabalho empreende dois estudos de caso, levando em conta obras dos historiadores rio-grandinos Abeillard Barreto e Alfredo Ferreira Rodrigues<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho elaborado a partir de: ALVES, Francisco das. História regional e cronistas estrangeiros no Rio Grande do Sul: o estudo de caso de um historiador rio-grandino. In: ALVES, F. N. & PRADO, D. P. (orgs.). *Anais do X Ciclo de Conferências Históricas*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2003. p. 153-163.; ALVES, Francisco das Neves. 1984: mais um historiador no patronato da Feira do

## Dois historiadores rio-grandinos

Em se tratando dos relatos de cronistas estrangeiros, no caso rio-grandense, o autor que mais se destacou ao desenvolver essa temática foi Abeillard Barreto, o qual entabulou alguns ensaios e uma monumental obra sobre aqueles escritores. Outro historiador rio-grandino, Alfredo Ferreira Rodrigues, em alguns pontos do conjunto de sua obra, também dedicaria atenção à temática. Cada qual a seu tempo, representou muito a contento o intelectual de sua época. Barreto escreveu sobre assuntos variados da história rio-grandina, rio-grandense e brasileira, mas seus maiores esforços dedicaram-se exaustivamente ao levantamento de fontes entabuladas por estrangeiros acerca da formação sul-rio-grandense. Já Ferreira Rodrigues foi um incansável estudioso da Revolução Farroupilha, o que não foi impeditivo para que atuasse na construção histórica sobre outros temas, inclusive no que tange aos relatos de estrangeiros.

Abeillard Vaz Dias Barreto (1908-1983) nasceu na cidade do Rio Grande e foi funcionário de carreira do Banco do Brasil, tendo dedicado grande parte de sua vida à pesquisa histórica, coletando fontes documentais e bibliográficas e escrevendo sobre a formação sul-rio-

---

Livro da FURG. In: ALVES, F. N. (org.). *Feira do Livro da FURG: 30 edições a serviço da cultura*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003. p. 97-122.; e ALVES, Francisco das Neves. Cronistas estrangeiros no Rio Grande do Sul na perspectiva de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: ALVES, F. N. (org.). *Sociedade e cultura no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, p. 39-52.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES, LUCIANA COUTINHO  
GEPIAK E LUIZ HENRIQUE TORRES

grandense. Barreto pertenceu a várias instituições ligadas à história, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico Uruguaio, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos. O historiador teve uma fundamental atuação junto à Biblioteca Rio-Grandense, da cidade do Rio Grande, presidindo-a, aprimorando seus serviços e contribuindo decisivamente com seu acervo, sendo inclusive doada toda sua biblioteca, após sua morte, constituindo a atual Sala Abeillard Barreto, no seio daquela importante instituição cultural rio-grandense-do-sul<sup>2</sup>.

Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942) desenvolveu uma conceituada carreira de historiador, de acordo com os padrões de seu tempo, entabulando uma vastíssima produção intelectual, publicada na forma de

---

<sup>2</sup> A respeito da biografia de Barreto, observar: LAGES, João Marinônio Carneiro. Apresentação. In: BARRETO, Abeillard. *O Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1985. p. 7-10.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 68.; VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 52.; STEENBOCK, Silvia Farias de Werk. Abeillard Barreto e sua obra: um estudo histórico. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 59-74.; ALVES, Francisco das Neves. Abeillard Barreto e a imprensa gaúcha: uma introdução ao tema. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 75-88.; e ALVES, Francisco das Neves. A imprensa rio-grandina segundo Abeillard Barreto. In: ALVES, Francisco das Neves et alli. *A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos*. Rio Grande: NEHIRG, 2001. p. 35-39.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

artigos, ensaios e livros, com destaque para sua ação no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, anuário que editou e organizou por décadas, trazendo à baila escritos próprios e de vários representantes da intelectualidade rio-grandense e brasileira de então. Como era comum à época, Rodrigues atuava em variadas frentes, desempenhando papéis como o de pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, numa constante ligação com o mundo cultural gaúcho da virada do século XIX, gerenciando, inclusive, por vários anos, a Livraria Americana, difusora cultural do citado período. Além de pertencer a instituições histórico-culturais no contexto internacional e nacional, o escritor rio-grandino era membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Sobre a biografia do autor, ver: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.; MARIANTE, Hélio Moro. Perfil de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*. Brasília: Imprensa Nacional, 1990. p. 14.; MARTINS. p. 495-497.; VILLAS-BÔAS. p. 432-436.; ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, F.N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-33.; ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e a “paz honrosa” de 1845. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 47-58.; LISBOA, Cátia Rejane Machado. Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha. In:

## **Abeillard Barreto: dos primeiros ensaios à monumental *Bibliografia sul-rio-grandense***

O mais profundo estudo realizado acerca dos cronistas que escreveram sobre o Rio Grande do Sul foi realizado pelo historiador rio-grandino Abeillard Barreto que empreendeu um trabalho sem precedentes ao amealhar documentos e informações sobre seu tema de pesquisa, originando-se, a partir daí, uma obra notável e insuperável versando a respeito daquele tipo de testemunho. Nesse contexto, ao longo de sua carreira como historiador, Barreto desenvolveu uma rede de relações com estudiosos e descendentes daqueles cronistas, recolhendo dados e documentação através de suas viagens e por meio de enorme quantidade de correspondências trocadas com os mais variados recantos do mundo. Tanto suas cartas quanto os resultados de suas pesquisas – documentais e bibliográficos – encontram-se hoje como parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Barreto apresentaria palestras em eventos e publicaria alguns dos resultados parciais dessas pesquisas, entre as décadas de trinta e setenta, até conseguir atingir seu intento, com a publicação da *Bibliografia sul-rio-grandense*.

Bem antes de publicar sua *Bibliografia*, Abeillard Barreto apresentava trabalhos envolvendo a temática,

---

ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 35-46.; e ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

caso de *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, publicado em 1937. No ensaio, o autor aborda os primeiros “cientistas” que fizeram alguma referência sobre o contexto sul-rio-grandense, em outras palavras, os relatos de estudiosos que, em suas variadas – e por vezes múltiplas – áreas de atuação dedicaram-se a tratar de determinados fundamentos da vida gaúcha. Sobre essas primeiras incursões ao tema, o autor fazia referência a uma certa carência de fontes a respeito do Rio Grande do Sul – ainda mais quando em comparação com outras regiões do país. Segundo Barreto, nos primeiros tempos, raros haviam sido os visitantes do Continente de São Pedro e do Rio Grande do Sul Capitania, como poucos eram aqueles acerca da Província. Ainda sobre esses trabalhos inaugurais, o historiador rio-grandino lamentava a ausência da citação de fontes de parte dos autores, criando dúvidas, como no que se refere às obras de consulta, bem como à “ciência” em que trabalhavam os mesmos cronistas<sup>4</sup>.

Convidado a participar do *Fundamentos da cultura rio-grandense* – organizado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul e que, junto dos anais lançados sobre cada uma das cinco séries do evento, com o conteúdo das palestras proferidas, se constituiu num dos mais importantes acontecimentos para a história e a historiografia rio-grandense-do-sul<sup>5</sup> –

---

<sup>4</sup> BARRETO, Abeillard. *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1937. p. 4-6.

<sup>5</sup> Sobre o *Fundamentos da cultura rio-grandense*, ver: MOREIRA, Earle Diniz Macarthy. Linhas de pesquisa histórica no Rio Grande do Sul. In: *Anais da VI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo: SBPH, 1987. p. 49-50.

Barreto apresentaria o trabalho *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul*. Comprovava-se, através do convite dos organizadores dos *Fundamentos da cultura rio-grandense* para a participação do estudioso rio-grandino, o reconhecimento do mesmo pelos membros da academia, identificando no historiador um digno representante da intelectualidade gaúcha de seu tempo.

O ensaio *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul* significou verdadeira preliminar, uma pequena antecipação, enfim, um levantamento parcial e introdutório de alguns dos dados que viriam a ser apresentados de forma completa, pouco mais de uma década depois, na magistral obra clássica de Barreto. Uma das primeiras preocupações do historiador rio-grandino foi a de apontar os fatores que levaram a poucas incursões escritas sobre as terras gaúchas e sua ocupação, nos primeiros tempos da incorporação territorial. De acordo com o autor, esse caráter mais tardio na relação com o restante do Brasil, deveu-se ao fato de que, desabrigada, sofrendo o castigo periódico de fortes vendavais, sem acidentes físicos ostensivos que despertassem maior curiosidade ao olhar perscrutador do navegante dos primeiros séculos, a costa do Rio Grande do Sul, ainda mais pela má fama de sua barra de acesso, não apeteceu àqueles que deixaram de suas andanças o depoimento escrito, de que outras paragens, mesmo próximas, não são parcias, caso de Santa Catarina e Uruguai, cujas orlas marítimas tiveram a preferência dos primeiros exploradores desses mares. E complementava, afirmando que, somente mais tarde, quando em decorrência dos desembarques, se foram fazendo conhecidos os caminhos terrestres, que o Rio

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Grande do Sul se iria desvendando aos poucos aos olhos do mundo<sup>6</sup>.

Nesse sentido, Abeillard Barreto destacava que as primeiras notícias sobre as terras gaúchas vieram dos roteiros das margens atlânticas e, depois, quando o índio e o gado passaram a representar fontes de exploração econômica, foram os caminhos interiores que conformaram os “itinerários” então conhecidos e, ainda mais tarde, foram as necessidades políticas e militares, determinando levantamentos cartográficos, que estimularam as explorações e desenvolveram o conhecimento da gleba. Segundo Barreto, o próprio fato de constituir-se em território litigioso entre as forças de expansão lusas e hispânicas também serviu como fator para que fossem mais raras as descrições sobre estas terras, restringindo-se, muitas vezes, às comunicações oficiais reservadas. Nas palavras do autor, foi com o alvorecer do século XIX que as narrações sobre o Rio Grande do Sul passaram por um incremento, tendo em vista que, àquela época, as sucessivas lutas no Prata, nas quais participaram numerosos mercenários estrangeiros, notadamente alemães, e a incipiente colonização estrangeira, sobre a qual, preferentemente, trataram autores daquela nacionalidade, que se desenvolveu o pré-lúdio das “explorações científicas” que se verificaram posteriormente a respeito do cenário sul-rio-grandense<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> BARRETO, Abeillard. Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul até 1900. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962. 5<sup>a</sup> série. p. 15.

<sup>7</sup> BARRETO. 1962. p. 15 e 17.

A respeito das primeiras informações escritas sobre as costas gaúchas, o historiador rio-grandino citava os relatos de Pero Lopes de Sousa em seu “diário”, de Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado descritivo do Brasil*, de Luís Serrão Pimentel, na obra *Prática da arte de navegar*. Para Barreto, dessas referências sumárias ao Rio Grande do Sul não se pode inferir hajam os autores viajado pelo Rio Grande, decorrendo elas, provavelmente de visitas feitas anteriormente às paragens mencionadas pelos próprios ou por terceiros. Segundo o autor, no período entre 1695 e 1698 aparecem notícias mais precisas, de “bom valor” topográfico, advindas da demorada expedição que realizara anos antes Manoel Jordão da Silva, o primeiro a submeter à sanção real um projeto de colonização do Rio Grande do Sul, informando também sobre os dados apresentados num “roteiro” de Domingos F. da Filgueira<sup>8</sup>. Foi também preocupação de Abeillard Barreto, fazer referência a diferentes projetos de colonização do Rio Grande, além daquele efetivamente realizado por José da Silva Paes.

Tratando da gênese da ocupação lusa em terras gaúchas, Barreto chamava atenção para os escritos advindos dos relatos de naufragos que se fizeram presentes às costas rio-grandenses. Dentre esses, estiveram os naufragos do *Wager*, embarcação britânica que se perdera nos mares do extremo-sul da América Meridional e da qual alguns de seus tripulantes conseguiram chegar ao recém-fundado povoado do Rio Grande, onde, apesar de bem recebidos, tiveram de conviver com a agitação que tomava conta do ambiente local, tendo em vista o abandono dos primeiros

---

<sup>8</sup> BARRETO. 1962. p. 17-18.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

colonizadores, do qual redundaria a Revolta dos Dragões, acompanhada pelos britânicos. Nesse quadro, o escritor destacava o trabalho realizado por dois dos naufragos do *Wager*, John Bulkeley e John Cummins, considerando-o como uma das mais vastas bibliografias da época, complementada que foi por outras narrações correlatas, sobre o tema em questão. O autor de *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul* referiu-se ainda a outra narração oriunda de naufragos, no caso, os remanescentes do naufrágio do *Duc de Chartres*, traduzidos em correspondência do padre jesuítia Melchior Strasser, trazendo a descrição, muitas vezes ingênuas, das vicissitudes, as observações feitas no percurso e as informações quanto a fatos e pessoas, nos dois meses de contato com a virgem terra sul-rio-grandense<sup>9</sup>.

Abeillard Barreto explicou que foram fundamentais para o crescimento qualitativo e quantitativo de escritos sobre o Rio Grande do Sul, os acontecimentos diplomáticos, militares e de reconhecimento do território que envolveram o planejamento, a demarcação e o fracasso do Tratado de Madri, fenômenos a partir dos quais ocorreu um incremento no número de visitantes às terras gaúchas, uns mais, outros menos ilustres que trouxeram lume aquele momento pelo qual passava a incipiente colonização rio-grandense. Para o autor, igualmente significativos foram a invasão do Rio Grande pelos espanhóis, desde 1763, e o esforço português em torno da reconquista, concretizada em 1776, período do qual adviria importantes obras sobre o Rio Grande do Sul,

---

<sup>9</sup> BARRETO. 1962. p. 22-24.

qualificando, inclusive, dois manuscritos dessa época, como precursores em diferentes aspectos, podendo ser situados, mesmo com reservas, entre os que melhor contribuição podem dar aos estudos sociológicos no contexto rio-grandense-do-sul. O encurtamento do território gaúcho, com as determinações do Tratado de Santo Ildefonso e a incorporação a esse mesmo território da região das Missões e as inter-relações desses fatos com as descrições entabuladas sobre o Rio Grande do Sul foram também temas abordados pelo historiador rio-grandino<sup>10</sup>.

As chamadas questões platinas, ou seja os confrontos entre luso-brasileiros e hispânicos e, posteriormente, entre o Brasil e os Estados vizinhos da região do Prata, momentos históricos de ampla participação dos sul-rio-grandenses, são também destacados como pontos fundamentais ao incremento de obras sobre o Rio Grande do Sul, desde o período joanino até a formação do Estado Nacional Brasileiro. Barreto, sobre essa época, por ele caracterizada como um ciclo guerreiro por excelência, explicava que era lógico que as atividades não-militares se vissem restringidas ou menoscabadas por um estado de espírito refletindo a ânsia e a dúvida, senão o resguardo de outras nações não encaminhadas àqueles propósitos bélicos. A partir desse pressuposto, apontava o autor para os reflexos na produção de textos sobre o Rio Grande do Sul, de modo que, nas resenhas sobre a conjuntura rio-grandense iria se encontrar somente aqueles que foram trazidos por essas circunstâncias, escoimados, pelo desmerecimento

---

<sup>10</sup> BARRETO. 1962. p. 24-28.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

como cronistas, dos que cuidaram exclusivamente da guerra em si<sup>11</sup>.

Sobre o significado desse “ciclo guerreiro”, Abeillard Barreto destacava a importante contribuição que dariam os mercenários para a bibliografia da província. Desses militares, dentre vários outros, o autor apontou a importância do alemão Carlos Seidler, considerado como cronista social por excelência, dedicado às aventuras amorosas, preocupado com bailes e festas, admirador veemente da mulher rio-grandense, realçando beleza, qualidades e independência da mesma, em contraponto com outros lugares do Brasil, descrevendo, enfim, a sociedade gaúcha em minúcias extremas; dando ao livro, no dizer do historiador rio-grandino, um “encanto especial”, revelando a importância dada por Barreto aos autores que também se dedicaram a escrever sobre o cotidiano no sul do Brasil. Destacando diversos dos autores alemães que versavam sobre seu tema de estudo, o escritor explicava que tratavam também esses livros da colonização no Rio Grande do Sul, surgindo, à época, algumas obras específicas a respeito desse fenômeno, feitas algumas sob encomenda do governo central, do provincial, ou de empresários particulares, segundo à paternidade que as leis foram dando à execução dos projetos colonizadores. Apesar disso, Barreto relatava também a existência de obras não necessariamente vinculadas à propaganda, havendo aquelas com o mérito de estudar conscientiosamente, com observações locais, os erros e as vantagens da imigração europeia<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> BARRETO. 1962. p. 29.

<sup>12</sup> BARRETO. 1962. p. 29-32.

Ainda sobre o processo colonizatório, especificamente acerca do alemão, o historiador realçava a importante contribuição para a história local, escoimadas as opiniões apriorísticas fundadas no interesse ou nas reações individuais, o conjunto de obras sobre a colonização germânica dizia bem da importância sociológica de que se revestira e que viria a ter reprodução evidente quando, ao final do século XIX, começaram as correntes italiana e polonesa a ativar a expansão demográfica do Rio Grande do Sul e, ainda segundo o autor, a fundir o tipo humano de uma civilização que ia deixando de ser rural para tornar-se nitidamente urbana. Barreto explicava que os trabalhos sobre as terras gaúchas não se limitavam apenas aqueles ligados às demarcações de limites, havendo também aqueles que se relacionavam “à ciência”, caso das investigações biológicas e as pesquisas que enveredaram pela biologia, advindas de algumas expedições científicas que se constituíram com aquele fim, ou do “ardor pessoal” de alguns naturalistas que visitaram o Rio Grande do Sul. Nesse quadro, o autor entabulou um arrolamento de vários dos cronistas que escreveram sobre o tema, nos diferentes ramos das “ciências”, com destaque para a obra de Saint-Hilaire a qual nascera a partir dos registros e observações de uma atividade “multiforme” e “avassalante”<sup>13</sup>.

Em seu trabalho sobre os “viajantes estrangeiros”, Abeillard Barreto realizou apreciações sobre as obras de diversos escritores, de diferentes nacionalidades e variadas formações e objetivos de

---

<sup>13</sup> BARRETO. 1962. p. 32-35.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

viagem<sup>14</sup>. Dentre os vários autores destacados, esteve o comerciante inglês John Luccock, o qual dedicou alguns capítulos ao Rio Grande do Sul, nos quais a vida urbana e rural gaúcha, de acordo com Barreto, foi retratada tão superiormente, com uma nitidez tão perfeita, com uma técnica tão avantajada e com minúcias tão sedutoras, que os tornavam em conjunto a melhor imagem do Rio Grande do Sul da época. Ainda a título de exemplificação, três viajantes franceses foram destacados pelo historiador rio-grandino, Arsène Isabelle, cujos escritos foram caracterizados como páginas amenas e cheias de observações preciosas; Jean-Baptiste Debret, cujas gravuras teriam passado a dar maior entidade ao acervo iconográfico do Rio Grande do Sul; e Nicolau Dreys, categorizado por Barreto como autor de um dos melhores livros que legou o segundo quartel do século XIX, uma vez que sua obra fora confecionada mais com um sentido didático, constituindo-se numa das mais citadas, o que provaria o crescente apreço em que era tida, superando o espírito com que foi elaborada, para situar-se entre os melhores livros de viajantes dentre os resenhados pelo escritor gaúcho<sup>15</sup>.

O historiador arrolou ainda um grande número de obras e seus respectivos autores e, a respeito da nacionalidade dos cronistas que se referiram ao Rio Grande do Sul, Abeillard Barreto explicava que a contribuição dos portugueses era primacial, por terem sido eles os donos da terra; a dos espanhóis, dos primeiros tempos, foi igualmente importante pelas reivindicações em relação ao território; a dos ingleses se

---

<sup>14</sup> BARRETO. 1962. p. 35-41.

<sup>15</sup> BARRETO. 1962. p. 41-44.

avantajaria com uma série de livros publicados, notadamente a partir da forte influência comercial da Grã-Bretanha; a dos franceses teve alguns dos nomes mais citados; bem como importantes também foram suecos, dinamarqueses, belgas, suíços, italianos, russos e poloneses, os quais ofereceram algumas dezenas de estudos que serviram para alicerçar, diretamente conhecidos ou não, os fundamentos da cultura riograndense. A esse respeito, na concepção de Barreto, a colaboração mais substantiva fora a dos germânicos, destacando que deveria ser de reconhecimento público a cooperação decisiva da inteligência alemã, com as sucessivas viagens de seus nacionais ao Rio Grande do Sul e com as centenas de livros e monografias que a respeito escreveram<sup>16</sup>.

Fazendo um balanço de sua empreitada até então, Abeillard Barreto afirmava que, no levantamento bibliográfico que estava procedendo e ao acolher o convite que a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul lhe fizera, ficara empolgado pelo vulto qualitativo e quantitativo dessa contribuição, ao analisar as notas colhidas esparsamente em quase trinta anos de acesso a algumas bibliotecas do país e do estrangeiro. Barreto revelava uma proposta mais ampla, ao concluir os estudantes e os estudiosos gaúchos a uma tarefa de maior truz, ou seja, a elaboração sistemática e cooperativa de um fichário da total bibliografia sul-rio-grandense, para que melhor os gaúchos se conhecessem àquela época, bem como no futuro. O autor apontava ainda que a centralização desse material poderia ser um cometimento de difícil

---

<sup>16</sup> BARRETO. 1962. p. 46.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

execução, mas que também poderia ser satisfatoriamente substituída por um sistema de empréstimos inter-bibliográficos, os quais colocariam à disposição de todos, aqueles elementos de trabalho que estariam confinados aqui ou ali, reduzidos nos seus proveitos e apenas para a satisfação da vaidade da posse. Concluía o escritor que tal plano poderia sincronizar esforços e despertar aptidões, revelando-se, a partir dessas atitudes, um conteúdo verdadeiramente universitário<sup>17</sup>. De acordo com essas perspectivas, Barreto já deixava bem evidenciadas suas intenções que se consolidariam, mais de um decênio depois, com a publicação de sua *Bibliografia sul-rio-grandense*.

Entre 1973 e 1976, o historiador rio-grandino lançaria o resultado final de suas incansáveis pesquisas, com a edição do livro *Bibliografia sul-rio-grandense*, o qual teve por subtítulo – contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul – no sentido de extrapolar conceitos como viajantes, cronistas, cientistas, entre outros, ou seja, sua obra se direcionava a apontar dados sobre todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram referências à mais meridional das unidades brasileiras. Nesse sentido, Abeillard Barreto oferecia ao público a mais completa obra acerca da temática abordada, fundamental a qualquer um que pretenda empreender estudos sobre o cenário rio-grandense-do-sul, constituindo-se, enfim, em verdadeiro marco na produção histórico e historiográfica gaúcha.

A respeito da perspectiva de abordagem de seu trabalho, Barreto afirmava que, a princípio, iniciara suas

---

<sup>17</sup> BARRETO. 1962. p. 46-47.

investigações fixando-se, essencialmente, no “livro”, nos viajantes estrangeiros ou nacionais, nos autores ou edições provinciais, modalidade que se revelou de difícil execução, mesmo se executada por uma equipe. Além disso, o autor explicava que também o conceito de viajante seria restritivo, uma vez que muitos dos que escreveram com proficiência sobre o Rio Grande do Sul nunca por lá andaram e, se ali estiveram, não foi em tal caráter. Na mesma linha, destacava que o “livro” seria apenas uma limitação física ao critério que pretendia dar à tarefa bibliográfica e, por isso, inclinara-se a superar essas limitações. Nessa conjuntura, buscou ampliar seus objetos de estudo, direcionando-se não apenas à literatura de viagem, mas englobando também trabalhos científicos, mapas, planos, artigos de revistas e jornais, relatórios, memórias, roteiros, correspondências e seus anexos, ou ainda a menção de pessoas que aparentemente nada publicaram sobre a província, mas cujos dados biográficos permitiam supor a existência de trabalhos de sua autoria a esse respeito<sup>18</sup>.

De acordo com essa visão, o escritor ampliava de forma descomunal seu horizonte de abordagem, o que lhe criou sérios obstáculos, transpostos, no entanto, em nome da fidelidade máxima ao intento de apresentar um trabalho o mais completo possível. A esse respeito, revelava Barreto que, se de sua pesquisa fossem excluídos todos aqueles documentos que não constituíssem a categoria “livro”, a tarefa teria sido fácil, mas o âmbito mais estreito lhe teria tirado a compleição decorrente do aproveitamento de todos os elementos

---

<sup>18</sup> BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1. p. 1-2.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

que pudessem ser reunidos. Sempre atento à questão da coleta e da execução da crítica externa e interna dos documentos, o historiador destacava que, no surgimento de dúvidas, sempre buscara saná-las mediante a utilização de fontes idôneas, muitas vezes atingindo os arquivos locais ou municipais onde seria possível encontrar os dados pertinentes<sup>19</sup>.

Assim, Abeillard Barreto, apesar do enorme manancial de fontes levantado, revelava significativa modéstia, ao explicar que seu trabalho não era completo. Deixava ele evidenciada a visão consciente do historiador que reconhece que seus escritos podem vir a ser complementados, superados ou até refutados (o que, no caso em estudo, até então não ocorreu, e dificilmente ocorrerá), uma vez que a história se constitui numa ciência cuja forma de aquisição do conhecimento é cumulativa, além do que, ela passa, constantemente por renovações e reorientações, mormente no campo teórico-metodológico, demarcando-se variadas formas de interpretação de acordo com os diversos contextos históricos e historiográficos.

Assim, Barreto explicava que, ainda que os bibliógrafos aspirassem a que seus trabalhos pudessem ser completos, esse desejo nunca seria atingido na execução, uma vez, que na maioria dos casos, sendo essas obras fruto de demorada pesquisa ou da acumulação de dados durante um período prolongado, na medida em que novos conhecimentos viessem a ser acrescidos, a evolução dos conceitos levaria a alterações ou modificações tendentes a destruir a unidade do trabalho e até a torná-lo claudicante, pela exclusão de

---

<sup>19</sup> BARRETO. 1973. p. 2-3.

fontes que só o tempo passaria a considerar válidas no contexto geral<sup>20</sup>. Apesar das cuidadosas ressalvas expressas pelo próprio autor, até os dias de hoje, sua *Bibliografia* continua a ser uma obra insuperável e de consulta obrigatória a todos aqueles que pretendem edificar trabalhos sobre o Rio Grande do Sul.

## **Alfredo Ferreira Rodrigues e sua abordagem acerca dos cronistas estrangeiros**

Alfredo Ferreira Rodrigues empreendeu uma vasta produção intelectual sobre variados aspectos da formação histórica sul-rio-grandense, com destaque para a Revolução Farroupilha, tema de predileção do autor, mas versando também, na forma de estudos de caso, sobre outros pontos da história gaúcha como o dos viajantes europeus. Nessa linha, Ferreira Rodrigues, exercendo uma de suas especialidades, a de biógrafo, publicou no *Almanaque do Rio Grande do Sul* algumas impressões sobre Carlos von Koseritz e, mais tarde, na apresentação de uma obra editada pela Biblioteca Rio-Grandense, faria referências a trabalhos de visitantes estrangeiros em terras gaúchas.

Um dos mais ativos (e ativistas) estrangeiros que visitou o Rio Grande do Sul e nele residiu foi o alemão Carlos von Koseritz que, do ponto de vista da produção intelectual, atuou como redator e colaborador de vários

---

<sup>20</sup> BARRETO. 1973. p. 1.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

jornais e publicou ensaios, diários e livros<sup>21</sup>. Pouco depois da morte do jornalista alemão, Alfredo Ferreira Rodrigues publicaria um ensaio sobre o mesmo no *Almanaque do Rio Grande do Sul para 1891*<sup>22</sup>. Em tal artigo, Rodrigues procurou entabular uma biografia do personagem em pauta, escrevendo de acordo com sua concepção historiográfica particular, que seja, encarando a história como a “mestra da vida”, da qual deveriam advir lições para a posteridade, a partir da ação dos homens ilustres do passado. Nesse sentido, o escritor rio-grandino valorizava o papel desempenhado por Koseritz no Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX, bem como estabelecia uma crítica literária a respeito da produção intelectual do autor alemão.

Sempre preocupado em demonstrar a precisão histórica de seus escritos, originada a partir da leitura de documentação considerada fidedigna, Alfredo Rodrigues apontava para as dificuldades na construção daquele ensaio, calcado em textos anteriores e no testemunho de contemporâneos, não se furtando de levá-lo a público, tendo em vista o recente falecimento do biografado, servindo como uma homenagem ao mesmo<sup>23</sup>. O trabalho de Rodrigues perpassava pela vida

---

<sup>21</sup> A respeito de Koseritz, ver: BARRETO. 1976. p. 765-772.

<sup>22</sup> RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Carlos von Koseritz. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1891*. Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande: Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1891. p. 3-16.

<sup>23</sup> Explicava Rodrigues: Parecerá estranho que nos faltem dados para reconstruir a vida de um homem que tanto se distinguiu entre os seus pares e no seu tempo. Entretanto, há para isso motivos de sobra. A biografia que este ano tencionávamos publicar não era a de Koseritz. À pessoa

de Koseritz, desde a sua saída da Alemanha, sua chegada ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, passando pelas cidades gaúchas, vivendo percalços e contratempos, até sua afirmação como escritor público e político, culminando com sua morte, revelando-se, a cada momento, a admiração do biógrafo para com o biografado.

Segundo a narrativa de Rodrigues, desde a infância, Koseritz já manifestara seus pendores literários e pela aventura, considerando que sua cidade natal se tornara pequena para ele, falando mais alto o “espírito cismador” de desvendar regiões desconhecidas e a “fantasia ardente” que o convidava a percorrer um mundo cheio de encantos e seduções. Destacava o escritor rio-grandino que um dia a tentação fora mais forte e o jovem alemão teria rompido com a resistência paterna, partindo, “resoluto e forte”, para satisfazer a ambição que possuía, uma vez que o mar exercia na sua “imaginação juvenil” uma “fascinação irresistível”, sentindo-se “talhado” para a vida de marinheiro. Confirmado as dificuldades na obtenção de informações, Alfredo Ferreira Rodrigues passaria a

---

competente solicitamos, quando não o trabalho completo, ao menos notas suficientes para o fazermos nós. Infelizmente os apontamentos que nos vieram às mãos, já tarde, eram incompletíssimos. Impossível, pois, tornou-se levar a efeito o primitivo desígnio. Nisso não houve má vontade nossa como inculcarão alguns, pois que, conhecendo apenas os fatos capitais da vida da pessoa que tencionávamos biografar, nada se poderia fazer digno de vir a público. A custo podemos recolher as informações contidas nestas páginas, algumas da leitura de jornais e outras de conversa com amigos do morto.  
RODRIGUES. 1891. p. 5.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

descrever a chegada do alemão no Rio Grande do Sul vindo a servir como mercenário na Guerra contra Rosas, quando teria sido maltratado por seus superiores, levando-lhe à deserção, atitude justificada pelo escritor gaúcho, ao destacar o caráter de Koseritz que, “pobre e desconhecido”, em país estrangeiro, constrangido por vezes a ocultar a própria individualidade, soubra “elevar-se” por uma “energia assombrosa” a posições que a bem poucos era dado atingir<sup>24</sup>.

Ferreira Rodrigues destacou os sofrimentos e privações que Koseritz passara nas cidades do Rio Grande e de Pelotas, não deixando de enaltecer o “caráter corajoso” do biografado, explicando que, apesar das dificuldades, o alemão resolvera recomeçar a luta pela vida, voltando-lhe “a ambição e a coragem” embasadas na “esperança”. Segundo a narração, Koseritz vivera cerca de quatro anos na Campanha, identificando-se com os costumes dos gaúchos, pois, a “vida aventurosa” desses “homens ousados, enérgicos, altivos e infatigáveis” deveria se cheia de atrativos para ele, que teria vivido experiências que o levaram a aprender a “amar esta terra”, que adotara como pátria e a que “tantos serviços” prestara. Prosseguindo o ensaio, Rodrigues detalhava o papel de jornalista desempenhado pelo alemão naquela comuna portuária e na citada cidade vizinha, até a sua chegada a Porto Alegre, a qual viria a ser o “teatro de suas glórias”, já que, numa “cidade maior e mais adiantada”, seria também melhor aquilatado o “seu raro mérito de jornalista”<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> RODRIGUES. 1891. p. 3-6.

<sup>25</sup> RODRIGUES. 1891. p. 8-10.

De acordo com Alfredo Rodrigues, era difícil, senão impossível, enumerar todos os trabalhos que Koseritz levara a cabo em trinta e cinco anos de imprensa, pois, de poucos como dele, se poderia rememorar “tão importantes serviços” ao Rio Grande do Sul, mormente no que dizia respeito à imigração alemã, assim, como “não menor e assinalado impulso” dera às indústrias da Província. O autor referia-se também à filiação do jornalista alemão ao Partido Liberal, considerando-a como um acréscimo à grei, que passara a contar com o “polemista emérito” e, “incontestavelmente”, o jornalista “mais notável” que o Rio Grande do Sul havia visto. Sem maiores incursões às discussões de cunho político-partidário, Rodrigues limitava-se a afirmar que Koseritz manteria suas convicções partidárias mesmo após a proclamação da nova forma de governo, culminando com o seu falecimento em 1890<sup>26</sup>.

Na vida jornalística e partidária, Rodrigues destacou a relevância do papel desempenhando por Koseritz, descrevendo-o como de “eloção embaraçada” e “pronunciado sotaque alemão”, o qual, se não tinha dotes de orador, sabia entretanto cativar a atenção pelo desdobrar de uma “erudição profunda” e uma “argumentação cerrada e esmagadora”, de modo que, no desempenho das “comissões mais difíceis e de mais trabalho”, revelara-se o “mesmo homem de

---

<sup>26</sup> RODRIGUES. 1891. p. 10-11. De acordo com o espírito apolítico que tentara manter em relação às disputas de sua época, Rodrigues faria brevíssima referência às fortes perseguições políticas sofridas por Koseritz e que contribuiriam com o seu falecimento.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

sempre, competentíssimo e infatigável". Segundo o escritor rio-grandino, a muitos dos melhoramentos que no final do século XIX gozava o Rio Grande deixara Koseritz ligado o seu nome, além do que, "decidido defensor" dos direitos dos colonos alemães, granjeara entre eles grande popularidade, "merecida e legítima", constituindo-se, por assim dizer, a "cabeça pensante e dirigente" de uma população de cinquenta a sessenta mil almas<sup>27</sup>.

Após descrever pontos da vida de Koseritz, o historiador rio-grandino passou a promover uma introdutória crítica literária acerca da obra do alemão, afirmando que faria um "rápido esboço" a respeito do escritor, uma vez que "avultado" fora o seu espólio literário e maior o seria, se o jornalismo não lhe houvesse absorvido quase toda a atividade. Nesse sentido, Alfredo Ferreira realizou uma breve apreciação dos trabalhos de Koseritz, como *A donzela de Veneza*, considerado como um livro de estreante que não tinha valor algum. Já referindo-se a *Elyssandro ou um drama no mar*, Rodrigues declarava que era surpreendente a diferença entre os dois livros e muito deveria ter estudado o autor para, em tão curto espaço de tempo, apresentar tamanho progresso, uma vez que a linguagem era mais clara e correta, e, em certos trechos, encantadora e poética. Quanto à *Laura*, foi avaliado como pequeno romance que, como obra de arte, pouca valia, mas cuja narrativa era cheia de interesse e em algumas ocasiões dramatizada, a ponto de prender fortemente a atenção do leitor. *Roma perante o século* era apontada como uma obra de combate, vigorosa e veemente, ao passo que

---

<sup>27</sup> RODRIGUES. 1891. p. 12-13.

*Impressões da Itália* era vista como mais uma manifestação do seu talento e da sua erudição<sup>28</sup>.

Mais uma vez destacando a atuação do jornalista alemão, Alfredo Ferreira Rodrigues considerava que, como polemista, poucos poderiam enfrentar Koseritz, ainda que, por vezes, incorresse em certas imprecisões quanto à língua de sua terra adotiva. Afirmava que o português era-lhe tão familiar quanto o alemão, no entanto, a sua linguagem era as mais das vezes incorreta, mormente nos últimos anos, pois, a influência recebida da língua francesa viria a concorrer junto ao escritor germânico para deturpar a “tão bela e rica” língua dos brasileiros. Mas, mantendo a linha narrativa de admiração pelo biografado, Rodrigues o absolia de possíveis erros, declarando que não importaria aquela falha na armadura de um “lutador tão formidavelmente armado”<sup>29</sup>.

Ferreira Rodrigues considerava que Carlos von Koseritz havia deixado uma rica herança cultural e um exemplo de abnegação e sentimento cívico à sua nova pátria, morrendo, entretanto, na miséria<sup>30</sup>. Através desse

---

<sup>28</sup> RODRIGUES. 1891. p. 13-15.

<sup>29</sup> RODRIGUES. 1891. p. 15-16.

<sup>30</sup> A esse respeito, afirmava o autor rio-grandino: Pai e esposo amantíssimo, foi-lhe a família preocupação constante. E, de todo o seu longo labutar de mais de trinta anos, só pode deixar-lhe uma coisa. Talvez o exemplo da coragem, talvez o nome honrado e respeitado, pensarão muitos. Não; legou-lhe apenas a miséria. Triste e pungentíssima realidade! E, para que o desamparo não se tornasse completo, foi mister que os seus amigos promovessem subscrições populares, afim de que à família de Carlos von Koseritz não viesse um dia a faltar o pão! (RODRIGUES. 1891. p. 16).

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

estudo introdutório à vida e à obra do jornalista alemão, Alfredo Ferreira Rodrigues buscava estabelecer mais uma contribuição ao conhecimento de um personagem que fizera parte da formação política e cultural sul-rio-grandense, além de prestar uma homenagem póstuma a Koseritz. Diferentemente da maior parte de suas obras históricas, nas quais, em geral, tratava de indivíduos com razoável distanciamento cronológico, nesse caso, Rodrigues retratava um homem cuja ação era contemporânea a si mesmo. Ainda assim, o historiador gaúcho não perdeu a oportunidade de, como lhe era comum, utilizar a história como prestadora de ensinamentos morais e cívicos, advindos dos “pró-homens” de um pretérito normalmente longínquo, e, especificamente tratando de Koseritz, de um passado bastante recente. Passando ao largo das controvérsias partidárias que marcavam fortemente o Rio Grande do Sul de então e que forte influência exerceram no próprio desaparecimento do jornalista alemão, Alfredo Ferreira Rodrigues não deixaria de destacar o papel social e cultural exercido por Koseritz no contexto sul-riograndense dos estertores do século XIX.

Algumas décadas depois da publicação do ensaio sobre Koseritz, por ocasião de uma edição especial da Biblioteca Rio-Grandense, cujas direções acharam por bem trazer a público várias obras pertinentes à formação brasileira e rio-grandense-do-sul, Alfredo Ferreira Rodrigues viria a entabular uma “Nota preliminar” à reedição da obra *Notícia descriptiva da Província do Rio*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES, LUCIANA COUTINHO  
GEPIAK E LUIZ HENRIQUE TORRES

*Grande*, do francês Nicolau Dreys, publicada em 1927<sup>31</sup>. Essa obra constituía o primeiro volume de uma série de livros trazidos à luz por aquela instituição cultural, uma das mais importantes no contexto rio-grandense e brasileiro<sup>32</sup>. O trecho da lavra de Rodrigues era descrito na própria folha de rosto como um “esboço crítico” ao trabalho de Dreys e, nas poucas páginas iniciais, o historiador rio-grandino fazia apreciações sobre o significado dos escritos dos cronistas estrangeiros, no caso específico, de alguns dos franceses que pelas terras gaúchas haviam passado.

O papel de Alfredo Ferreira Rodrigues como intelectual junto à comunidade portuária se fazia presente no próprio fato de que ele fora convidado para indicar o livro inicial da série editada pela Biblioteca Rio-

---

<sup>31</sup> RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Nota preliminar. In: DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1927. p. 5-13.

<sup>32</sup> Era destacado na apresentação: A diretoria da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade do Rio Grande, deliberou reimprimir alguns livros notáveis sobre o Rio Grande do Sul, cujas edições, por serem muito antigas, e de resumida tiragem, estão hoje esgotadas, sendo difícil, se não impossível, conseguir um exemplar deles. Esta publicação não tem intuitos de lucro pecuniário, visando apenas tornar conhecidas obras de real valor, cujo estudo de certo contribuirá para melhor conhecimento da história, dos usos e costumes do nosso povo. Editado o primeiro volume, se o favor público e o auxílio das municipalidades do Estado ampararem a iniciativa, com o produto da venda dele se fará a reedição da segunda obra, a que se seguirão logo outras, ficando assim criada uma preciosa biblioteca sobre assuntos exclusivamente rio-grandenses (p. 5).

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Grandense, bem como lhe traçar um “ligeiro esboço crítico”, recaindo a escolha sobre a *Notícia descritiva* de Dreys, considerada como um “trabalho notabilíssimo”, reputado por Rodrigues como um dos “mais completos, mais fiéis e mais sinceros” sobre a terra rio-grandense. Nesse sentido, o personagem central do escrito do historiador rio-grandino era o francês Nicolau Dreys<sup>33</sup>, sobre o qual Rodrigues manifestava sérias dúvidas e queixava-se das poucas referências até então existentes sobre o estudioso francês, o que levaria inclusive a uma confusão no que tange à nacionalidade do mesmo, definindo-o erroneamente como inglês<sup>34</sup>.

A respeito da obra de Dreys, o escritor rio-grandino citava o próprio europeu, ao defini-la como um resumo de uma obra inédita sobre o Brasil Meridional, resultado de vinte anos de estudos e observações sobre os lugares em que vivera. Rodrigues localizava a vinda do francês no início do século XIX, tendo envolvido-se nas operações militares da guerra contra Artigas para, posteriormente, levado por “especulações comerciais” e, às vezes, pelo “amor à caça”, percorrer grande parte da Fronteira, do centro e do território das Missões, tendo residido alguns anos na cidade do Rio Grande. Esclarecia Alfredo Ferreira que Dreys havia escrito como “testemunha de vista”, sendo suas descrições cheias “de vida e de verdade” e com “grande propensão” para os estudos geográficos, tendo explorado, palmo a palmo, parte da costa e o do interior rio-grandenses<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> A respeito de Dreys, ver: BARRETO. 1973. p. 452-455.

<sup>34</sup> RODRIGUES. 1927. p. 5-6.

<sup>35</sup> RODRIGUES. 1927. p. 7-8.

Ferreira Rodrigues chamava atenção para as obras citadas pelo escritor francês, destacando o “espírito culto” do mesmo, uma vez que possuía variada biblioteca de livros científicos e de viagens, podendo-se depreender, a partir das “numerosas citações” feitas na obra, que ele tinha lido tudo que existia então publicado sobre essa parte do Brasil. Rodrigues citava os autores referenciados por Dreys, enfocando dois deles, exatamente outros cronistas franceses que haviam passado pelo território gaúcho - Arsène Isabelle e Auguste de Saint-Hilaire. Assim, ao apresentar a obra de Dreys, o historiador rio-grandino acabaria por fazer uma breve apreciação de outros viajantes oriundos da França e que entabularam escritos sobre o Rio Grande do Sul. No que tange à Arsène Isabelle<sup>36</sup>, a abordagem é singela, restringindo-se a considerar que o mesmo não passava de um “contador de histórias”, cujas observações eram “quase sempre superficiais” e, muitas vezes, “apaixonadas e injustas”<sup>37</sup>.

Já no que tange à obra de Saint-Hilaire<sup>38</sup>, o autor gaúcho estabelecia maiores comentários, explicando que a mesma era em forma de diário, registrando com “aguda observação” tudo o que via e que lhe contavam em caminho, constituindo um “verdadeiro monumento” e, pelas suas “vastas proporções”, descrevendo uma viagem em quase todo o perímetro da Província, seria a “publicação mais rica de detalhes” que Rodrigues afirmava conhecer sobre o “Rio Grande do Sul antigo”.

---

<sup>36</sup> A respeito de Isabelle, ver: BARRETO. 1973. p. 708-711.

<sup>37</sup> RODRIGUES. 1927. p. 8-9.

<sup>38</sup> A respeito de Saint-Hilaire, ver: BARRETO. 1976. p.1180-1189.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Alfredo Rodrigues acabaria por traçar um paralelo entre as obras de Dreys e Saint-Hilaire, considerando a do primeiro “de proporções mais modestas”, mas, “superior” em muitos pontos de vista, em relação ao segundo, o qual teria visto “de relance”, observado muitas coisas e formado juízos às vezes “precipitados”, guiando-se por informações ou incompletas ou que não foram reproduzidas com fidelidade, de modo que, breves dias de permanência no Rio Grande e em Pelotas teriam lhe bastado para formular juízos “por demais severos e errôneos” sobre a sociedade rio-grandense<sup>39</sup>.

Ferreira Rodrigues, ainda a respeito de Saint-Hilaire, descrevia que o francês fora acolhido, festejado, hospedado por Antônio José Gonçalves Chaves, “homem instruído”, de “ideias avançadas”, talvez “o primeiro abolicionista do Brasil”, uma “verdadeira notabilidade” no seu meio e na sua época e de quem o escritor europeu colhera copiosos dados estatísticos da produção e exportação da Província, com que enriquecera seu livro. Rodrigues estabelecia uma crítica, ao afirmar que, ainda assim, o “sábio francês”, “injusto”, ou pelo menos “indiscreto e ingrato”, em “dia de mau humor”, na própria casa de Chaves, escrevera em tom de censura acerca do tratamento dado aos escravos naquela propriedade. O escritor rio-grandino também discordava do francês quando esse menosprezava alguns dos hábitos e costumes dos gaúchos, considerados como “ignorantes e sem educação”, bem como desconhecedores de algum “princípio de honra e de

---

<sup>39</sup> RODRIGUES. 1927. p. 9.

moral”, de modo que usavam normalmente de pouca “boa-fé” em seus negócios<sup>40</sup>.

Para combater aquilo que considerava como errôneas premissas de Saint-Hilaire, o historiador gaúcho voltava a tratar da obra de Dreys. Afirmava Rodrigues que, para contrapor às expressões do primeiro, definido como “mesquinho naturalista”, deveriam ser lidas as “páginas sinceras e eloquentes” de Dreys, sobre o caráter dos rio-grandenses, “rico de virtudes públicas e domésticas”, bem como exaltando a “hospitalidade”, as “inclinações ativas e laboriosas”, a “generosidade”, a “franqueza”, os “gostos aventurosos”, o “patriotismo”, o “espírito guerreiro”, a “coragem fria e perseverante”, os “sentimentos de melindre e de honra” dessa “geração robusta, sadia e vivaz” dos sul-rio-grandenses. Citando trecho da obra de Dreys, o escritor rio-grandino destacava que o francês rendera preito à “honradez”, ao “cavalheirismo” dos rio-grandenses, chamando atenção para a “generosidade” que parecia ser uma “qualidade inerente” ao solo gaúcho, cuja população teria por marca indelével um “apreço inviolável” pela palavra empenhada<sup>41</sup>.

Nas palavras da *Notícia descritiva*, Alfredo Ferreira Rodrigues buscaria encontrar alguns dos pressupostos que, cada vez mais solidamente, tornar-se-iam baluartes da historiografia rio-grandense quando descrevia os integrantes da sociedade gaúcha. De acordo com essa perspectiva, considerava a parte mais importante da obra de Dreys, o terceiro capítulo, chamado “Da população”, afirmando que eram “muito

---

<sup>40</sup> RODRIGUES. 1927. p. 9-11.

<sup>41</sup> RODRIGUES. 1927. p. 11-12.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

interessantes" as páginas sobre os trabalhos de campo, a matança de gado nas charqueadas, sobre a vida nômade dos gaúchos, cujo perfil traçava "com mão hábil e vigorosa", e ainda sobre os contrabandistas, "homens ousados e empreendedores, duros e prontos ao combate", mas que, fora de sua profissão, seriam "inofensivos, obsequiosos, leais e sociáveis"<sup>42</sup>.

No mesmo sentido, Rodrigues considerava como "fidelíssima e particularmente digna de nota" a descrição de Dreys sobre os costumes do homem riograndense, descrevendo-o como "alto, robusto, bem apessoado, de feições viris"; acentuando a predileção dele pelo cavalo, seu "companheiro inseparável", que "ajaezava com luxo", ao passo que trajava modestamente; explicitando o cuidado que tinha pelas armas, de que não se separava, preferindo a boa qualidade à riqueza; chamando a atenção para a destreza com que manejava o laço e as bolas; destacando seu gosto pelas reuniões e divertimentos, em que se notava a "mais escrupulosa decência" no meio da "mais franca alegria"; e, finalmente, evidenciando sua "paixão pelas carreiras", com "infinita gente", muito ruído, "montões" de ouro e prata e "nenhuma desordem"<sup>43</sup>.

Assim, ao destacar a obra de Nicolau Dreys, o historiador rio-grandense lançava mão de alguns dos ícones que demarcaram as construções discursivas historiográficas sul-rio-grandenses de enaltecimento a um passado glorioso e exemplo de fervor cívico e patriótico. Nessa linha, Rodrigues considerava que a

---

<sup>42</sup> RODRIGUES. 1927. p. 12-13.

<sup>43</sup> RODRIGUES. 1927. p. 13.

*Notícia descritiva da Província do Rio Grande* era, em suma, um “quadro maravilhoso” dos “tempos áureos” das “grandes virtudes” rio-grandenses<sup>44</sup>. Alfredo Ferreira Rodrigues demonstrava grande admiração pelo livro de Dreys, uma vez que, através dele, era possível reproduzir alguns dos pressupostos que se transformariam em verdades praticamente absolutas e inquestionáveis acerca da formação histórica sul-rio-grandense. Acrescente-se a isto, o fato de que o escritor francês descrevia a conjuntura gaúcha das vésperas da Revolução Farroupilha, época sobre a qual Rodrigues tinha verdadeira veneração e a respeito da qual contribuiu decisivamente na criação de mitos e axiomas que seriam repetidos à exaustão<sup>45</sup>, tornando-se verdadeiros bastiões do discurso historiográfico que se tornaria predominante, assumindo caráter oficial, a partir da virada dos anos vinte aos trinta. Alfredo Ferreira Rodrigues incorria assim em prática comum na construção de discursos sobre a formação histórica gaúcha no que tange ao uso de testemunhos dos viajantes estrangeiros, elegendo os aspectos a ser destacados e reproduzidos e omitindo/excluindo os indesejáveis e, portanto, através de seu “ligeiro esboço crítico” promovia uma atitude historiográfica que seria repetida à exaustão pelos historiadores seus contemporâneos e posteriores, perpetuando-se muitas das condicionantes míticas que cercaram a história rio-grandense-do-sul.

---

<sup>44</sup> RODRIGUES. 1927. p. 13.

<sup>45</sup> A esse respeito ver: ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Farroupilha: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2004.

# **Os primeiros passos da imprensa feminina e literária sul-rio-grandense: o papel de Revocata Heloísa de Melo**

**Luciana Coutinho Gepiak<sup>\*</sup>**

No último quartel do século XIX, o Rio Grande do Sul viu prosperar um jornalismo bastante evoluído do ponto de vista quantitativo e qualitativo, com a publicação de jornais dos mais variados gêneros, como noticiosos, político-partidários, ilustrados, satírico-humorísticos, religiosos, entre tantos outros. Nesse meio surgia também uma imprensa feminina, voltada à divulgação de textos escritos por mulheres e a atender um público leitor essencialmente feminino. Essas revistas tiveram um papel fundamental por darem espaço à escrita feminina, num momento em que publicar era difícil para ambos os sexos, mas muito mais para as mulheres.

Como articulistas ou colaboradoras, as mulheres puderam ter nesse jornalismo especializado um veículo formidável para a expressão de sua produção escrita. Além disso, o consumo de sua leitura servia para expandir a ideia de que a mulher deveria instruir-se não só para ler jornais, como também para educar-se e

---

<sup>\*</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande.

mesmo buscar um novo lugar social em meio a uma conjuntura amplamente dominada por princípios patriarcais que relegavam o feminino a um plano inferior. Uma das precursoras na imprensa feminina riograndense foi a *Violeta*, publicada na cidade do Rio Grande na década de 1870 e que teve dentre suas principais colaboradoras Revocata Heloísa de Melo, uma das mais importantes representantes da escrita feminina gaúcha. O estudo destas colaborações é o objetivo deste ensaio.

Desbravadoras, trilhando um terreno sociocultural pedregoso e pouco fértil às suas práticas e ideias, as mulheres escritoras do século XIX e primeiras décadas do seguinte seguem por tal caminho tortuoso, enfrentando resistências, preconceitos e adversidades de toda ordem. Elas perseveram, não desistindo de seus ideais e levando em frente uma bandeira que permite para suas coetâneas e, ainda mais fortemente, no futuro, para aquelas que as seguiram, um novo espaço e uma nova concepção quanto à condição feminina.

No caso do Brasil, elas se espalham pelas várias regiões, algumas encontrando notoriedade e fazendo eco de seu ideário, enquanto outras ficam mais restritas aos tantos quadros geográficos regionais deste imenso país, havendo ainda aquelas cujas referências se perdem, restando apenas nomes desconhecidos, como meras lembranças de um passado longínquo. A mais meridional fronteira brasileira, representada pela Província, depois Estado, do Rio Grande do Sul também contou com a ação destas escritoras, desde as mais até as menos reconhecidas. Dentre elas, Revocata Heloísa de Melo é uma daquelas cuja ação permite um significativo reconhecimento.

HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE  
DO RIO GRANDE



Revocata Heloísa de Melo (A VENTAROLA, 2 set. 1888, p. 1)

Mas o ato de “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil”. Muitas vezes “sua escritura ficava restrita ao domínio privado”, de forma que “publicar era outra coisa” bem mais complexa. Elas tiveram de vencer os preconceitos e “o sarcasmo que, no século XIX, acompanha as mulheres”, as quais pretendiam ser autoras, “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”. Houve também “as dificuldades de reconhecimento”, entre os tantos obstáculos “para uma mulher transpor a barreira das letras”. Entretanto, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura” (PERROT, 2015, p. 97-99).

Nesta linha, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação do feminino. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Estas escritoras constituem casos que conseguem “impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração” (LOUSADA, 2010a, p. 23).

O papel desempenhado por estas mulheres escritoras ganha ainda mais relevância pelo efeito produzido na condição de servirem de exemplo para as demais. Desta maneira, seu “péríodo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado”. Além disto, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Fica então estabelecida “uma conquista que

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a tomá-las na condição de “modelo e precursora” (LOUSADA, 2012, p. 111).

Algumas conseguem publicar seus textos na forma de livros, ação mais restrita, principalmente por causa dos altos custos. Tendo em vista tal aspecto, os periódicos se tornam os principais propagadores da escrita feminina. Dá-se então o fenômeno pelo qual, “a partir de meados do século XIX, assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino” (PRIORI, 2016, p. 9, 296).

Neste quadro, “é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época”. Tais escritoras “tiveram uma quota considerável de responsabilidade no despertar da consciência das mulheres brasileiras”, desempenhando “um papel fundamental” (MUZART, 2003, p. 225-226). Além disto, estas “publicações genuinamente feitas de ‘mulher para mulher’ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época”, uma vez que “retratam os paradigmas vigentes” (COSTA, 2012, p. 390).

Ocorre então, ao longo do “século XIX, a ascensão irreversível de jornais e revistas dedicados a mulheres, tal como uma grande diversificação de títulos”. São “publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas”, as quais têm “um papel importante na emancipação feminina” (LAMAS, 1995, p. 20). Deste modo, “o espaço

ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs" (LOUSADA, 2010b, p. 42). Este é um fenômeno mundial, mas também ocorre no Brasil e no Rio Grande do Sul, levando a escrita feminina a patamares até então impensáveis.

Revocata nasceu na capital rio-grandense, Porto Alegre, no dia 31 de dezembro de 1853, passando a morar, ainda muito jovem, na cidade gaúcha do Rio Grande, na qual passou toda a sua vida e promoveu sua carreira até a morte, em 23 de fevereiro de 1944. Como era característico da intelectualidade de então, ela teve uma atuação múltipla, envolvendo a poesia, o conto, a crônica e a dramaturgia, além da docência e da ação jornalística, com a qual esteve vinculada até o fim de sua existência, colaborando com periódicos e editando seu próprio jornal. Quanto aos livros, ela publicou *Folhas errantes* (1882), composto de crônicas e poesias, *Coração de mãe* (1893), um drama teatral, e *Berilos* (1911), os dois últimos escritos em parceria com a irmã e também escritora Julieta de Melo Monteiro. Ela também se dedicou a movimentos de fundo social, promovendo campanhas em prol do abolicionismo e da erradicação da pobreza. Em termo políticos, militou a causa federalista, fazendo oposição ao modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante a República Velha.

A causa mais importante da carreira de Revocata Heloísa de Melo foi a favor da obtenção de um novo papel social para a mulher. Ela defende enfaticamente que a libertação e a emancipação feminina se dariam a partir do aprimoramento educacional. Assim, Revocata dedica sua carreira inteira, da juventude à velhice, a

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

promover o ideal de uma nova condição social para a mulher, principalmente no que tange ao acesso à educação. Quando “ler romances, saber ler e escrever, exercer uma profissão fora de casa, gostar de escrever eram considerados deslizes perigosos” ou mesmo “transgressões da ‘verdadeira’ missão feminina”, apenas como mãe e esposa, muitas escritoras entram na “luta em que se empenham contra toda uma tradicional desconfiança da educação” para as mulheres (LEITE, 1990, p. 60).

O ponto alto da carreira de Revocata de Melo foi sua ação como proprietária, diretora e redatora do *Corimbo*, chegando a dividir algumas dessas funções com a irmão Julieta. Este periódico foi um dos mais importantes no contexto regional e nacional a defender a causa feminina, constituindo a publicação mais longe deste gênero, pois foi publicada de 1883 a 1944. Em suas páginas escreveram algumas das mais importantes militantes feministas da virada do século XIX ao XX, abrindo amplo espaço para a discussão da temática da emancipação feminina. Um dos pontos fundamentais da existência do *Corimbo* foi a formação de uma grande conexão entre as escritoras de várias partes do Brasil e até do mundo. Desta maneira, “nesta floração de mulheres escritoras”, elas não se encontravam “isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina” que se estende por todo o Rio Grande do Sul “e mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145).

Mas a atuação de Revocata de Melo no contexto da imprensa feminina antecedeu a própria fundação do *Corimbo* e ocorreu no pequeno periódico editado por sua irmã Julieta de Melo, denominado *Violeta* e que foi um

dos percursores do jornalismo feminino no Rio Grande do Sul. A *Violeta* pode ser considerada como o embrião do *Corimbo*, pois em suas páginas já estavam demarcadas as características deste tipo de jornalismo, notadamente o espaço para a difusão da leitura e da escrita feminina e o intenso intercâmbio entre leitoras e escritoras de lugares os mais distantes. Eram dados assim os primeiros passos na articulação de uma imprensa feminina.

A imprensa feminina se caracteriza como aquela na qual a mulher pode atuar “como receptora e como produtora” do material a ser lido, sendo relevantes também o conteúdo e o tipo de linguagem dos periódicos. Tais publicações voltam-se a “alguns temas de grande interesse para o público feminino (BUITONI, 1986, p. 8, 21). No caso do Brasil, “a imprensa feminina começou no século XIX”, o qual “foi acompanhado de mudanças na estrutura de nossa sociedade”. Nesta época, “as áreas urbanas começam a ganhar vida própria, libertando-se pouco a pouco da supremacia rural” e, neste espaço, abre-se um leque de maiores possibilidades para o desenvolvimento do jornalismo, inclusive de uma imprensa especializada, como foi o caso daquela de natureza feminina, surgindo em várias localidades “as primeiras publicações dirigidas à mulher” (BUITONI, 2009, p. 30-32).

Neste quadro, “no Brasil do século XIX, várias mulheres fundam jornais”, os quais visam a “esclarecer as leitoras, dar informações” e mesmo “fazer reivindicações objetivas” (TELLES, 2015, p. 426). Os periódicos inseridos na imprensa feminina “são surpreendentemente múltiplos em sua diversidade”, uma vez que há desde os feministas, passando pelos conservadores e mesmo aqueles que não se

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

comprometem diante de tal debate. Também existem “os que se limitam ao passatempo; os que visam a certos segmentos, como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante”; e ainda aqueles “que se dedicam a temas específicos: literatura, educação, política, lazer, moda e humor”. No mesmo sentido, também circulam “os que trazem um pouco de tudo em suas páginas: poesia, romance, charadas e escritos militantes” (DUARTE, 2016, p. 22).

Deste modo, “a imprensa feita por mulheres contemplou diferentes iniciativas, abrindo espaço para a voz feminina” e algumas de suas reivindicações (MOREL; BARROS, 2003, p. 61). Passa a ocorrer um processo pelo qual advém a inserção da “mulher ao mercado do impresso, não apenas como *leitora*, mas como *produtora* de textos de periódicos” e ainda “como *consumidora* de produtos anunciados pela imprensa” (MARTINS, 2008, p. 69). Estas publicações, “concebidas como objeto de lazer, se revelam essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamentos desejáveis para a mulher da época” (COHEN, 2008, p. 117). Nesta linha, “um espaço decisivo para o desenvolvimento da expressão feminina foi a imprensa dirigida e editada por mulheres”, que avança entre os séculos XIX e XX (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 18).

As publicações femininas passam por verdadeiras metamorfoses ao longo do tempo, “seja no formato, no conteúdo”, ou ainda no que se refere “ao público a que se dirigem” (KAZ, 2002, p. 19). Neste sentido, com a passagem deste tempo e destas modificações, “tanto os textos literários, quanto a imprensa feminina ajudaram a construir um perfil

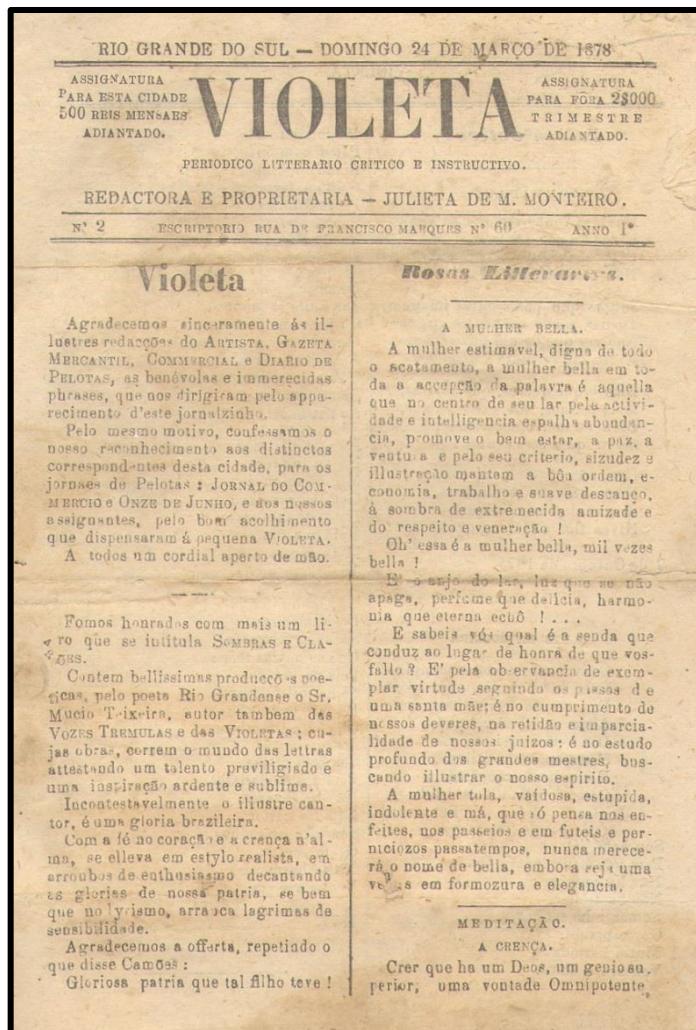
específico da leitora brasileira" (HELLER, 2006, p. 14). No caso brasileiro e sul-rio-grandense, há várias interfaces entre o jornalismo literário e a escrita feminina, existindo um conjunto de periódicos que constitui verdadeiro "empreendimento destinado ao público feminino que, ao longo do século XIX, começa a ganhar cada vez mais espaço no periodismo literário" (PÓVOAS; SILVEIRA, 2012, p. 101).

Assim, o jornalismo literário foi um dos campos jornalísticos em que o periodismo feminino encontrou bastante expressão, afinal "a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura" (BUITONI, 1986, p. 22). Uma das primeiras representantes gaúcha deste gênero jornalístico – associando imprensa feminina e literária – é a *Violeta*, editada pela sua irmã Julieta Monteiro, e no qual Revocata atua como a mais importante colaboradora. Trata-se de um periódico literário, mas sua particularidade é exatamente a presença plenamente feminina na redação e colaboração de seus textos, bem como a meta de difundir temas voltados a promover a leitura entre as mulheres.

A *Violeta* circula na cidade do Rio Grande entre março de 1878 e julho do ano seguinte e "suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho", se apresentando como uma folha literária, crítica e instrutiva. O periódico tem uma particularidade fundamental "ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária", também as suas colaborações eram "da autoria de representantes do sexo feminino", bem como "o principal público alvo da folha" ser as mulheres. As principais seções do jornal eram as "Rosas literárias", na qual eram divulgados escritos em prosa, 'Íris poético',

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

destinada aos textos em verso e 'Miríades', em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras" (ALVES, 2013, p. 130-131).



O jornal também faz “comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas” e apresenta uma “Revista dos jornais”, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares”. Esta prática revela os alcances do semanário, o qual “fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas” por todo o Império Brasileiro, “bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal”. Desta maneira, a folha leva sua mensagem a lugares longínquos, definindo-se “como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa riograndense” visando a “mostrar que a mulher, além do encanto do lar”, poderia também atuar “na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prérios da imprensa” (ALVES, 2013, p. 131).

Ao longo da existência da *Violeta*, Revocata “teve uma participação relevante”, já que “ela foi a mais importante colaboradora no jornal”, trazendo “textos em prosa e verso” e contribuindo “significativamente com o intercâmbio de trabalhos”. Mesmo que a publicação “mantivesse a característica básica de constituir uma iniciativa praticamente unipessoal” de Julieta Monteiro, “sua irmã acompanhou-a e auxiliou-a em muitas das etapas da elaboração do periódico”. Com “a assinatura de seu nome” ou “sobre a rubrica de um de seus pseudônimos”, principalmente Hermengarda, “Revocata de Melo foi a autora mais assídua” no quadro das colaboradoras da *Violeta* (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Os trabalhos da autora “estiveram presentes na seção ‘Rosas literárias’, com escritos em prosa voltados à

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

abordagem dos mais variados temas". Ela escreveu também no “Íris poético”, no qual, em menor escala, divulgava versos de sua lavra”. Revocata “participou ainda da seção ‘Miríades’, na qual entabulava vários diálogos com as leitoras do jornal, mantendo um estilo mais coloquial”, quase como se mantivesse uma conversa envolta em certa informalidade “com outras mulheres que compunham a rede discursiva na qual as informações/opiniões emitidas pelo periódico gravitavam” (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Na seção “Rosas literárias”, o primeiro texto em prosa publicado por Revocata na *Violeta* é “Presságio”, versando sobre as barreiras que obstaculizavam as relações amorosas (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1-2). A segunda colaboração da escritora com o mesmo segmento é o texto intitulado “Noturno”, que igualmente tinha por tema os desencontros amorosos (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1-2). No primeiro, a autora assina com seu nome e, no segundo, se utilizava do pseudônimo Hermengarda, como também fica conhecida no meio da imprensa literária e feminina.

Também na seção “Rosas literárias” aparece outro texto publicado por Revocata de Melo na *Violeta*. Sob o título “Hossana!”, a autora trata de uma temática religiosa, alusiva à data corrente voltada à Semana Santa, envolvendo as comemorações cristãs referentes ao período entre a morte e a ressuscitação de Jesus Cristo. Sem dar nome ao personagem central, a escritora descreve o cenário onde teria ocorrido tal ressuscitar, sob o “cântico de glória” e “vozes angelicais” os quais demonstram que está cumprida a “augusta missão” e “consumado o tremendo sacrifício, radiante e majestoso”. Demarcando a influência da religiosidade

em sua formação, como bem reflete o título do texto, referente a uma oração, Revocata afirma que, diante daquele momento, “nossas almas em saudoso e indizível arroubo aspiram ventura ao místico perfume das flores que entrebrem” (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 1).

A arte é enaltecida pela escritora em outra contribuição alocada na seção “Rosas literárias”, por meio do texto “A música”, no qual ela discorre sobre o tema, valorizando aquela “doce irmã da poesia” (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 1-2). Outra participação da autora na mesma seção ocorre a partir de uma necrologia. Sob o título “Ao passamento de Antônio Carlos de Castro Filho” ela faz uma homenagem a tal indivíduo, revelando que este nome fazia parte de suas memórias infantis. Revocata esclarece que o homenageado vivera longe de sua terra natal e falecera recentemente e mostra-se pouco conformada ao questionar o motivo do amigo ter adormecido “sobre o colo de pálido anjo da morte”. Em mais um de seus textos voltados a um preito fúnebre, ela manifesta “uma lagrimosa saudade, relembrando a passada infância” (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1-2).

Ainda no segmento “Rosas literárias”, Revocata de Melo publica um breve texto intitulado “A ti...”, voltado a relembrar o passado e trazendo um tema bem comum aos seus escritos da época, versando sobre os encontros e desencontros amorosos. Apesar de descrever um cenário repleto de melancolia, ela fala em separação, deixando apenas a permanência da possibilidade de que, no futuro, houvesse ao menos uma recordação (VIOLETA, 4 ago. 1878, p. 2). Também nesta seção da *Violeta* destinada aos textos em prosa, a escritora apresenta o conto “Zulmira”, tratando-se de outro

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

escrito com tom dramático, no qual o sentimento romântico sucumbia tragicamente com o desaparecimento da protagonista (VIOLETA, 11 ago. 1878, p. 2).

Entre agosto e setembro de 1878, em forma sequencial na seção “Rosas literárias”, a *Violeta* publica o conto “Juramento de um dia”, de autoria de Revocata. O texto traz várias reflexões a respeito do amor romântico, com diversificadas incursões ao tema em escritos da literatura universal. A história trata de uma moça chamada Emelina cujo maior aspiração era “encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio” de amor. O sonho da moça acaba se concretizando nos braços de Jaime e eles passam a conviver enamorados, levando em conta a premissa pela qual “o amor para certas almas é uma necessidade, uma das poucas ambições do homem que comprehende a poesia do coração”. Um tom de alegria compõe uma parte do conto, quando o casal vive as doçuras de uma paixão, entretanto, o teor melancólico não poderia faltar, até chegar o momento em que eles têm de se separar, sem antes fazer juras de amor eterno e de um retorno o mais breve possível. A tragédia preenche a história, pois Jaime demora três anos para voltar e, ao fazê-lo já não mais encontra sua amada, sabendo dela apenas pela notícia de que “enlouquecera de dor”, sem deixar de, até a morte, perambular balbuciando “ele não voltou mais” (VIOLETA, 18 ago 1878, p. 1-2; 25 ago. 1878, p. 3-4; 1 set. 1878, p. 2-3; 7 set. 1878, p. 3-4).

Também no segmento “Rosas literárias”, a escritora publica outro texto de conteúdo fúnebre denominado “À morte de minha chorada tia”. Era uma homenagem à escritora Amália dos Passos Figueiroa.

Inconformada, Revocata de Melo lamenta que o “crepúsculo da morte” tivesse levado aquela “doce poetisa do sul” e lastima que a tia partisse tão cedo “em meio às sombras eternas, embalada ao funéreo canto do anjo dos túmulos”, deixando a poesia “enlutada numa manta de tristeza”. Revocata deseja que Amália durma, “enquanto nós soluçamos nas trevas da saudade lacinante, pela escura noite onde jamais brilhará a luz de teu inspirado olhar” e afirma que, perante aquela morte, restaria uma “querida lembrança” e rolariam “acerbas e dolorosas lágrimas” (VIOLETA, 13 out. 1878, p. 3).

Outra colaboração com a *Violeta*, nas “Rosas literárias”, traz um dos temas preferencias de Revocata de Melo – a morte. O texto lúgubre se justifica também como uma homenagem à data da edição, tendo por título “Dia de finados”. A autora descreve o merencório ambiente dos cemitérios, lugar no qual “chora a alma”, por causa dos “sonhos fanados em embrião” e da “aspiração ardente”, que “murchou enlaçada aos goivos e ciprestes”. Segundo a escritora, “cruel é a realidade da vida”, pois, com o seu fim, “pendem mirradas as vívidas quimeras e as ilusões que povoam os íntimos devaneios”. Pessimista, Revocata parece deixar de lado seus preceitos religiosos e a ideia do paraíso *post mortem*, afirmando que “negra e pavorosa deve ser essa tétrica morada”, não havendo “nem mais uma esperança ali”, a não ser “o sudário gélido e misterioso”. Diante de tal constatação, resta à escritora saudar seus entes queridos que tinham adormecido à “sombra desse impenetrável mistério” (VIOLETA, 3 nov. 1878, p. 2).

Duas partes do conto “O moço do gorro negro”, um dos mais conhecidos da autora, são publicadas por

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Revocata na seção “Rosas literárias” da *Violeta*, trazendo a trágica história de um rapaz que sofre com as tristes desesperanças do amor. Mas a edição fica interrompida e o texto completo só aparece com a versão final editada no livro *Folhas errantes*. Em ambas as partes do conto apresentadas nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo não lança mão de seu próprio nome e apela para o recurso do pseudônimo Hermengarda (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 2; 1 jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 2-3).

O último texto publicado por Revocata nas “Rosas literárias” traz uma de suas temáticas favoritas, sob o título “A mulher e os seus direitos”, versando a respeito da função social feminina. A autora enfatiza que “muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar”. A escritora até reconhece que “a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza”, entretanto estaria fadada “a grandiosas missões”, de modo que ela deveria também “nascer para grandes cometimentos”. Ela questiona o quanto “importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa” (VIOLETA, 1 jun. 1879, p. 1-2).

Na continuidade do texto, Revocata de Melo considera que “o gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!”. A escritora defende com ardor que a mulher – “por meio do estudo e das letras”, vem a procurar “a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito e desterrando a ignorância” – torna-se “mais digna de louvores e de admiração que o homem”. Desta maneira, a autora

enxerga que, sem se “afastar dos labores do lar” e da “da esfera doméstica”, a mulher poderia “dar amplo espaço às suas aspirações de glória” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

A escritora gaúcha sustenta que “é errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos” e, diante de tal asserção ela protesta, afirmindo: “conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado”, não deixara “de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito”. Revocata comenta ainda sobre a mesma senhora que, “mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento”, influenciou-as em direção ao “amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família”. A partir de tais reflexões a autora exclama: “Deixem-nos pois hastear nosso estandarte, soltarmos o grito” de “luta em prol de nossos direitos” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

Ainda em prosa, mas desvinculado de qualquer sessão da *Violeta*, Revocata publica um texto laudatório à data da independência nacional, intitulado “Sete de Setembro”. Ela saúda o “brilhante sol da liberdade” e a “aurora do mais glorioso dia para todos aqueles brasileiros que sentem no coração a chama do patriotismo”. Para a autora aquela era uma data de exultação, por ser o dia que “recorda que para sempre estão quebrados os grilhões da escravidão”, devendo o povo soltar “o brado de vitória”. Deste modo, ela lembra que “em nossos ardentes corações não deve jamais deixar de pulsar o doce sentimento da gratidão, um

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

entusiástico viva à memória do augusto herói”, em referência a D. Pedro I, estendendo a saudação à nação brasileira e ao Imperador D. Pedro II (VIOLETA, 7 set. 1878, p. 1).

Também de maneira independente em relação às seções tradicionais da *Violeta*, utilizando-se do pseudônimo de Hermengarda, a escritora rio-grandense publica um breve texto em prosa, cujo título limita-se a um ponto de interrogação. Mais tarde, tal texto identificado apenas como “?”, foi adaptado e inserido em *Folhas errantes*. Neste livro, o título também se modifica no formato, mas mantém o sentido, passando a denominar-se “Interrogação”, versando o texto sobre os alcances dos sentimentos, mesmo quando cessa o viver (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 3).

No que se refere às publicações em versos de Revocata de Melo, presentes na *Violeta* em menor número que as contribuições em prosa, elas espalham-se ao longo das edições, normalmente na seção “Íris poético”. Foi o caso dos versos intitulados “No álbum da Exma. Sra. D. Maria Rosália Pereira”, datados de abril de 1876, e trazendo em tons bucólicos uma mescla entre as belezas da natureza e o sentimento romântico (VIOLETA, 28 abr. 1878, p. 3).

Na mesma seção, manifestando outro tema que marca sua existência, vinculado ao amor fraternal, Revocata publica um poema em homenagem à sua irmã intitulado “À Julieta”. Os versos têm a identificação de local e data - “Rio Grande, 78” e apresentam um desejo de união duradoura entre as duas irmãs, saudando a unidade entre ambas desde a infância - despertando o saudosismo - e o desejo da

continuidade da admiração recíproca e da unidade familiar (VIOLETA, 5 maio 1878, p. 2-3).

Em outros versos publicados no “Íris poético” da *Violeta*, Revocata de Melo presta um preito laudatório no qual o próprio título é uma dedicatória: “À Laudocena L. Coelho” – nome que se refere a uma amiga da autora, e traz várias comparações da homenageada com belezas naturais, notadamente de inspiração floral e de pedras preciosas, na forma de qualificativos (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2).

Um tom mais lúgubre volta a marcar os versos de Revocata intitulados “Fragmento”. Em um primeiro momento, a poetisa enfatiza muitas das amarguras da vida, com os tantos infortúnios e desesperanças que afligem a humanidade. Depois, tal qual um lenitivo, ela encontra na fé uma forma de alívio para tantos descaminhos, revelando a profundidade do espírito religioso na orientação da vida da escritora (VIOLETA, 7 jul. 1878, p. 3):

Assim como das dobras do poente  
Se desatam as nuvens purpurinas,  
Também do negro seio do infortúnio  
Sobem aos pés de Deus preces divinas:

Quando e rígido sopro da desgraça  
Nos arroja nas trevas da agonia,  
Buscamos com afã no lenho sacro  
Áurea crença do céu, que nos sorria:

Se fanados os sonhos de nossa alma,  
Desmaiada a centelha que os seguia,  
Alentamos ainda uma esperança,  
E prostrados ao filho de Maria:

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

A ele o grande mártir do calvário,  
O Homem Deus, o sábio Redentor,  
Aquele que remiu-nos do pecado  
Ao suplício, morrendo - por amor! -

Feliz pois o romeiro desta vida,  
Que expira murmurando uma oração:  
E jamais entre as lutas com o destino  
Se olvida dos deveres de cristão.

Ainda no segmento “Íris poético”, Revocata apresenta “Um sonho”, no qual traça um paralelo entre a natureza e uma relação amorosa a dois. De um lado as bucólicas belezas do dia, mas, de outro, os tétricos momentos noturnos, os quais acabam revelando que o singelo romance não passara de um sonho (VIOLETA, 1 dez. 1878, p. 4).

A dor das irmãs Melo pela perda paterna fica patente nas páginas da *Violeta* em sua edição do início de abril de 1879, na qual Julieta publica um texto em prosa à memória de seu “idolatrado pai” e Revocata, na seção “Íris poético”, apresenta os versos “Lágrimas a meu pai”. O poema traz uma das tantas inspirações da poetisa, no caso a morte, triste por si só, mas agravada no caso dos entes queridos. Estes versos, datados de fevereiro de 1879, se referem ao amor filial, à saudade e às insondáveis questões envolvendo o fim da vida (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 3).

Nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo ainda publica duas composições não localizadas especificamente em uma seção determinada. Uma delas tem uma forte inter-relação com as próprias escolhas da poetisa em torno de sua vocação. Sob o título “Num

livro”, aparecem reflexões sobre o significado da ação de escrever, muitas vezes surgindo tal ato como uma alternativa à solidão, mas o tom trágico, típico da autora gaúcha, permanece, com a constante desesperança diante do fim comum que serve de destino a todos as pessoas (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 3).

O outro poema da autoria de Revocata de Melo não inserido no segmento “Íris poético” da *Violeta* traz mais uma vez a dedicatória como título, denominando-se “À Alice Telles Pereira da Cunha”, identificada pelos versos como uma criança. A menina é enaltecedida em suas feições infantis e inocentes, utilizando-se mais uma vez a autora de um recurso comum à sua escrita poética, ao tecer comparações entre as qualidades da homenageada e as belezas da flora. Além disto, a escritora deixa transparecer suas esperanças no porvir, notadamente a partir do papel desempenhado pelas crianças em relação ao futuro (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 4).

A outra seção, denominada “Miriades”, foi bastante constate nas edições da *Violeta* e, em seu sentido, traz a perspectiva de um grande número, ou seja, a uma supostamente significativa quantidade de correspondências trocadas entre a redação, as colaboradoras e as leitoras. Um tom mais coloquial caracteriza tal segmento, quase como que reproduzindo um diálogo no qual se trata de assuntos variados, desde pequenas narrativas sobre o dia a dia, passando por verdadeiros diários do cotidiano, e o estabelecimento de impressões sobre pessoas ou circunstâncias, até conversas acerca da vida alheia. As “Miriades” funcionam como uma crônica de amenidades e, várias

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

vezes, são mais um mote para a narração do que efetivamente um contato através de cartas.

Assim, em diversos momentos, as “Miríades” constituíam uma crônica semanal, vindo à narração dos acontecimentos da semana sob um viés feminino. Muitas vezes as pessoas ficam identificadas apenas por apelidos ou iniciais, demonstrando certo cuidado em não desvelar particularidades que não deveriam frequentar o espaço público da impressa. Revocata de Melo, sob o pseudônimo de Hermengarda, atua como uma das mais ativas participantes das “Miríades” e, em várias destas participações, acaba por revelar alguns detalhes sobre sua vida e seu pensamento.

Em plena Semana Santa e as reflexões que à época cercavam tal data, na seção “Miríades”, Revocata traz alguns detalhes sobre as melancolias de sua inspiração, acirradas naquele momento. Mas apesar da tristeza, parece prevalecer, ao fundo, uma perspectiva otimista (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 3):

Estou hoje um pouco propensa à tristeza, não sei se será isto devido a impressão dos solenes mistérios, que desdobram sobre esta época tão lembrada para os fiéis, um lutooso véu banhado em lágrimas de crentes e arrependidos....

Que querem? Trouxe do berço estas ideias, não me fazem impressão certas teorias novas; vá quem quiser procurando as trevas, que eu irei sempre em busca da luz.

Em outra oportunidade, na seção “Miríades”, Hermengarda destaca uma de suas preferências quanto às estações do ano, a qual viria a aparecer em outros de

seus escritos. Quanto às chuvas de maio, ela afirma que “são núncios do inverno que se aproxima tristonho e choroso” e, apesar da admiração pela “estação florida”, acaba por revelar “que há muita noite hibernal bafejada pelo gênio da poesia”. Diante disto, a escritora descreve um autêntico dia invernoso em sua terra, referindo-se à época em que “a copiosa chuva despenha-se em frementes catadupas caindo rumorosa sobre o lajedo das calçadas e as rajadas de gélido sopro passam assobiando melancolicamente”, abrindo espaço para que, “sob o teto do lar, na doce paz da família”, pudessem ocorrer “amenos serões” (VIOLETA, 5 maio 1878, p. 3).

Mais adiante, também no segmento de correspondências, Revocata se diz triste, tendo em vista a partida de uma amiga, diante da qual “o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia”. O consolo da escritora parece se manifestar por meio da possibilidade de comparecer aos espetáculos teatrais. Ali, além das atrações das peças, poderia também ser espaço para o flerte, como a escritora descreve ao observar a reação de algumas raparigas ao se depararem no teatro com “um moço alto e moreno”, qualificado nos comentários daquelas como um “anjinho” e uma “visão encantada dos sonhos” (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2-3).

Uma manifestação de entusiasmo da escritora fica demarcada nas “Miríades”, ao contar sobre “uma agradável surpresa que me afastou por um pouco do meu mundo de cogitações”. Ela faz referência a um texto escrito anteriormente, uma “singela fantasia publicada em um dos números da nossa *Violeta*”, destacando que “tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância” escritas por um “ameno e inspirado cronista” de um “florescente periódico

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

literário" publicado na cidade de Santos. Diante disso, Revocata dedica "a tão distinto cavalheiro a minha sincera e indelével gratidão, como tributo às suas tão honrosas quão animadoras palavras". É mais uma constatação do alcance dos intercâmbios promovidos à época (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 4).

O ambiente cultural citadino também aparece nas missivas traçadas por Revocata, como ao descrever um saraú, no qual comparecera "uma sociedade pouco numerosa, porém muito escolhida", havendo "dança, sortes e consulta ao oráculo", além de um "jogo dos cartões, entre perguntas e respostas". Mas a grande atração fora a presença de um poeta, "que muito concorreu para que esta noite deixasse saudosas recordações", uma vez que era ele um "repentista consumado" e, "de momento a momento, improvisava espirituosas estrofes". Na mesma ocasião, a escritora descreve um cenário bastante propício a uma série de galanteios entre as moças e os rapazes presentes (VIOLETA, 16 jun. 1878, p. 3-4).

Os flertes voltam a ser assunto nas "Miríades" quando Hermengarda narra vários casos de aproximações entre os jovens, levando-a a concluir "que o amor aqui ainda não caiu em desuso". Na oportunidade, ela anuncia o envio de exemplares da *Gazeta Mercantil*, nos quais estavam "insertos espirituosos folhetins" da lavra do "ilustre comprovinciano e ameno poeta Dr. Lobo da Costa", identificando mais uma vez o profícuo intercâmbio literário típico daquela época (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 4).

Em outra edição das "Miríades", Revocata se mostra inspirada, afirmando que "estou hoje

verdadeiramente propensa à poesia”, propondo-se a comentar “uma elegante estrofe, pelo vigor de estilo e beleza de pensamento”. Tal apreciação era complementada pela avaliação de que os versos poderiam impressionar, por tratar-se de “um primor poético que deparei na primeira página de uma carteira de moça”; mas não passava de ironia, pois se tratava de um poema pobre em conteúdo e com erros ortográficos. Mantendo o tom jocoso, a escritora arremata a sua suposta avaliação: “bela inspiração, feliz daquele que a mereceu”. Após tal pilhória, a correspondência passa a tecer vários comentários sobre os namoricos de ocasião (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 4).

O cotidiano político também está presente nas missivas de Hermengarda, como ao descrever que andava “a esperançosa mocidade alarmada com a luta dos partidos”. Mas a escritora atalha o tema, afirmindo que ao menos aquele “ardor patriótico” poderia servir para “quebrar a monotonia de que se achava acometida a nossa sociedade, esse torpor e aborrecimento causado pela sensível falta de divertimentos e bailes”. De volta à temática política, ela narra as atitudes dos jovens conservadores e liberais, em referência às duas principais organizações partidárias da época imperial. Na mesma ocasião, os namoros voltam à pauta, bem como a jocosidade irônica, no anúncio de que estava por vir um “grande sucesso na literatura”, pois “está no prelo a interessante biografia da – ‘mulher nariguda ou arte de caluniar por inveja’” (VIOLETA, 15 set. 1878, p. 4).

Já ao final de 1878, Hermengarda faz sua última aparição nas “Miríades”, dando um título à sua colaboração – “Crônica – O que fazem corações”. Os

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

galanteios e namoricos aparecem novamente como mote de comentários jocosos, com a referência a nomes de moças que teriam praticado “um roubo de corações, cujos donos sem dúvida armaram um processo nos tribunais de Cupido”, mas que acabaram “presos pelas inquebrantáveis cadeias do himeneu”. Diante de tal narrativa, a missivista conclui: “Tudo por causa dos corações” (VIOLETA, 17 nov. 1878, p. 3-4).

Mais tarde, Revocata de Melo, independentemente da seção “Miríades”, publica uma correspondência nas páginas da *Violeta* endereçada à “Cara redatora”, ou seja, à sua irmã Julieta de Melo Monteiro. O objetivo da missiva é homenagear o escritor gaúcho Múcio Teixeira, que visitara a cidade do Rio Grande, descrito como “gênio predestinado, sublime e laureado poeta”. Revocata lembra “cheia de ufania que a terra abençoada que deu o berço a Múcio Teixeira, foi o meu querido torrão natal”. Mantendo o teor laudatório, a escritora afirma que Múcio “possui o condão da poesia a par de uma irresistível simpatia”, além do que “suas frases fluentes, ricas de inspiração, repletas de lindas imagens, fazem com que as pessoas que gozam de sua convivência” lhe destinassem “uma amizade fraternal e profunda admiração”. Na conclusão da carta, Revocata mostra a certeza de que conta com a aquiescência da redatora e irmã Julieta. Ficava mais uma vez demarcada a rede de inter-relações entre os literatos gaúchos daquela época (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

Este ensaio se trata de uma breve incursão ao trabalho desenvolvido junto à *Violeta*, uma precursora da imprensa feminina sul-rio-grandense. Tais estudos são fundamentais para um melhor conhecimento da escrita feminina, uma vez que os periódicos são “meios

privilegiadíssimos, onde se fixam trajetórias de mulheres de relevo” e mesmo além delas, das “ideias que projetam”. Trata-se, assim, de um “crucial movimento de resgate”, ou seja, “é precisamente perscrutando a imprensa que o conseguimos efetuar”, já que “as publicações editadas com regularidade pelas organizações em que militavam as mulheres mais empenhadas são objetos de estudo imprescindíveis”. Nestas páginas encontram-se “algumas figuras notáveis de mulheres que se destacam no meio de uma massa gigantesca de tantas outras, anônimas, cujas existências se perdem no tempo” (LOUSADA, 2015, p. 48).

Desse modo, o objetivo foi realizar uma pequena colaboração para com uma compreensão da escrita feminina gaúcha promovida por meio dos jornais, seguindo a linha de promover “um ato de olhar para trás de maneira nova”, com “novos olhos” capazes “de penetrar um texto a partir de uma nova direção crítica” (TELLES, 1990, p. 134). A recuperação de ao menos “parte do processo intelectual brasileiro, desde o século XIX, no que concerne às mulheres” possibilita “investigar a ampliação do público leitor e o papel desempenhado pelas revistas e jornais”, atuando “como fatores propulsores da conscientização feminina de seus direitos, e de incentivo para a produção de textos literários” (DUARTE, 2012, p. 37).

Nas páginas da *Violeta*, Revocata Heloísa de Melo, uma reconhecida autora sul-rio-grandense deu alguns dos passos iniciais de sua carreira, e de tais escritos já emergiam várias das características fundamentais de sua obra. As imagens bucólicas, os olhares românticos, a ferrenha melancolia e o contato sempre muito íntimo com a morte foram algumas destas

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

temáticas. Também se fazem presentes o ato da escritura, a inspiração poética, o contato com o mundo literário e, primordialmente, os intercâmbios que contribuíam com a formação de uma rede de escritoras. Ainda marca presença o ponto essencial da militância da autora, a luta pela emancipação feminina, igualmente contida em suas colaborações no periódico. Assim, a participação na *Violeta* constituiu um ensaio geral para o ápice da carreira de Revocata, que ficaria conhecida como uma das mais longevas promotoras da imprensa feminina brasileira.

## Referências

ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola; GEPIAK, Luciana Coutinho. *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES, LUCIANA COUTINHO  
GEPIAK E LUIZ HENRIQUE TORRES

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

DUARTE, Constância Lima. O poder da palavra: a imprensa feminista do século XIX à contemporaneidade. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 35-42.

\_\_\_\_\_. *Imprensa feminina e feminista no Brasil - século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. In: *Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio, 2002. p. 11-21.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além do seu tempo*. Venda Nova: Bertrand, 1995.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Uma construção enviesada: a mulher e o nacionalismo. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 56-66.

LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero - Presidência do Conselho de Ministros, 2010a.

\_\_\_\_\_. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*. CML, 2010b, p. 41-48.

\_\_\_\_\_. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi* - Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.

\_\_\_\_\_. Mulheres como nós? Da visibilidade ao mito - estratégias eficazes. In: *Revista Ártemis*, v. 19 n. 1, p. 47-51 jan. - jun. 2015.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES, LUCIANA COUTINHO  
GEPIAK E LUIZ HENRIQUE TORRES

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, p. 225-233, jan.- jun. 2003.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). In: *Navegações*, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.

PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016, v. 2.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul - primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 127-135.

\_\_\_\_\_. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

# Hermann Wendroth e a cidade do Rio Grande em 1851

Luiz Henrique Torres\*

Várias são as motivações para se investigar o passado. Se, somos portadores de uma história de vida ela teve início no momento pretérito que pode ser revisitado em nossas memórias ou nos objetos materiais deixados: uma fotografia da infância, um diário ou um objeto que ativa o cérebro para as lembranças. A história de uma cidade é o somatório de milhares de experiências, com inesgotáveis lembranças e práticas culturais que são pessoais, mas que estão contextualizadas no coletivo. Estas experiências são constituídas de satisfações e frustrações, de sensação de completude, de insatisfação ou até de revolta. A dialética da necessidade em perpetuar, recordar ou mudar está entranhada ao pensarmos o passado histórico: nossa caminhada de vida ali está expressa entre perdas e ganhos.

O trabalho do historiador é revirar os cacos de fragmentos passados para encontrar alguns

---

\* Doutor em História. Professor dos Cursos de História da Universidade Federal do Rio Grande.

sentidos nas práticas humanas buscando trazer alguma luz para o presente. História enquanto ciência que transita entre a ficção, o delírio e a racionalidade, mas que pode dialogar com o que é essencial na vida individual e coletiva: a historicidade onde tudo o que produzimos como cultura está palpando em formas arquitetônicas, grafismos e impressos, dialética do trabalho e do capital, expressões culturais e vida cotidiana. Entre estes fragmentos da trajetória humana estão os registros imagéticos entre os quais as aquarelas e esboços que reproduziram espacialidade urbanas e rurais. E o recorte que será feito são as imagens urbanas da cidade do Rio Grande no ano de 1851 realizadas pelo artista e mercenário alemão Hermann Rudolf Wendroth.

Ao interrogarmos a produção imagética de Hermann Wendroth é pertinente lançar a reflexão de que “na relação cotidiana entre o homem e a paisagem, as significações são pressupostos inerentes à ação”<sup>46</sup>. O artista não está dissociado dos desafios do seu tempo e que mobilizam os seus atos: o seu olhar busca significados nos atores e referenciais materiais e simbólicos em seu entorno. A escolha do objeto a ser retratado no desenho ou

---

<sup>46</sup> BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo/Salvador: Metalivros/Fundação Emílio Odebrecht, 1994, vol III, p.11.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

na aquarela já remete a algumas buscas inconscientes/conscientes dos cenários materiais e humanos que preenchem o entorno. As escolhas do que será retratado poderá voltar-se a atração pragmática para comercialização de imagens junto a olhos europeus ávidos por fragmentos da civilização tropical visitada no além-mar.

Muitas de suas aquarelas buscam inventariar temas da realidade Rio-grandense. Entre a razão dos traços patrimoniais, os sentimentos no esboço de personagens, a curiosidade antropológica frente ao diferente<sup>47</sup> e as críticas e deboches as experiências vividas no Sul, temos vários Wendoroth e não apenas um pintor que reproduz cenários sem expressar participação, ele, inclusive, está retratado pictoricamente na obra. Nesta direção, os cenários materiais e humanos, fazem parte de suas vivências e fazem emergir o processo social de um Rio Grande do Sul que começava a se diversificar economicamente com a imigração europeia; que buscava se reconstruir após a Revolução Farroupilha (1835-1845); que se fundava em relações ainda dominantes da grande propriedade

---

<sup>47</sup> Como ressalta SCHAMA, “é evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos. (...) Afinal, a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia”. SHAMA, S. 1996. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 17.

escravista; e que buscava se afirmar como civilização voltando-se para os valores europeus.

Os cenários retratados visam trazer estas paisagens -que os sentidos estão captando- para a linguagem visual. Os detalhes do prédio, do telhado, do cais ou da embarcação remetem a objetividade do real permeada por cores livres e atraentes. A profusão de formas e contornos sofre uma reconstrução que mostra a calmaria do deslizar diário, os movimentos criativos do ir e vir das pessoas, e especialmente, a construção de uma ordem nos fragmentos multifacetados que propiciasse a recepção por parte do leitor do fazer cotidiano daquela época: enunciando múltiplos fazeres que estão em harmonia com a reprodução dos cenários. É uma tentativa do artista em captar o essencial, a partir de suas apreensões dos referenciais que movem a vida cotidiana...

Esta busca do acontecer social observado pelo viajante-artista não o distancia de, em vários momentos, ele ser o ator ativo da ação. O cenário de fundo, que é a história do Rio Grande do Sul de meados do século XIX, tem o seu ator: no processo de mineração em Lavras do Sul, observando manifestações religiosas em Porto Alegre, desenhando o cemitério da Santa Casa em Rio Grande, encarcerado na cadeia de Pelotas, se embriagando de vinho na prisão em Rio Grande, descrevendo os personagens brancos e negros que circulavam pelas ruas, retratando a movimentada

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

vida militar no período de Guerra no Prata, acompanhando a movimentação portuária e os navios de vários países no Porto do Rio Grande etc. Ele procura transferir para a tela o que seus olhos estão observando. Podemos constatar da veracidade da afirmação de Peter Burke de que “as imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vivida”.<sup>48</sup>

Nesta direção, se buscará fazer uma leitura histórica dos objetos que estão sendo retratados pelo artista, isto significa, contextualizar cenários urbanos no processo histórico da cidade do Rio Grande de meados do século XIX. Não ignorar escolhas pessoais ou criações artísticas, mas, constatar que Wendroth, quase sempre buscou reproduzir detalhadamente os elementos materiais que compunham os cenários que ele vislumbrou: casas, embarcações, bandeiras, ruas, carroças, vestimentas, objetos pessoais e cotidianos da população etc.

### **A cidade do Rio Grande**

A espacialidade retratada por Wendroth, no recorte feito para esta produção, é a cidade do Rio

---

<sup>48</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 17.

Grande que foi edificada na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, junto a Barra do Rio Grande e no Estuário da Laguna dos Patos, possuindo o único complexo portuário lagunar-marítimo do estado mais meridional do Brasil. Rio Grande apresenta uma história humana que recua a quase cinco mil anos no passado com o povoamento por bandos de caçadores-coletores-pescadores e posteriormente, por ceramistas ligados aos cerritos e por horticultores amazônicos. Já o povoamento sistemático europeu, num período mais recente, consiste numa longa duração temporal que rumava para quase três séculos. Por ter sido o primeiro povoamento luso-brasileiro, experiências sociais e políticas dos períodos colonial, imperial e republicano, muitas vezes aqui se expressaram pela primeira vez: planificação urbana, organização militar e administração civil, relações sociais, vida intelectual/artística (primeiro teatro com estrutura no Rio Grande do Sul, imprensa mais antiga do interior do Estado, primeira Biblioteca do Rio Grande do Sul etc).

Devido à formação geológica arenosa, o controle deste espaço da Restinga do Rio Grande foi um desafio constante aos militares e civis desde o século XVIII. A *areia hostil* foi presença persistente ao longo do tempo de vida da cidade e onde a natureza urbana não é um dado pronto, mas construído pelos homens a partir de relações de

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

desigualdade e fruto de atos políticos que não são neutros.

Rio Grande, teve o seu surgimento norteado pelo cenário geopolítico de enfrentamento entre Portugal e a Espanha pelo controle do estuário da Lagoa dos Patos. Este processo recua a 1680 com a fundação da Colônia do Sacramento e a constituição de uma rota terrestre para o transporte do gado chimarrão da *vacaria del mar*. O início oficial do povoamento ocorreu em 1737, com a ocupação e organização de uma Comandância Militar para administrar o Rio Grande do Sul lusitano. Em 1751 surge o poder público no atual Rio Grande do Sul com a instalação da Vila do Rio Grande de São Pedro e da respectiva Câmara Municipal que administrava toda a Capitania do Rio Grande.

O povoamento no século XVIII teve predominância de açorianos, portugueses, cariocas e paulistas, dotando o local de uma identidade luso-brasileira. Tempo de fortificações e de guerras caracterizou este século XVIII, inclusive com o domínio espanhol durante 13 anos (1763-1776), período em que existiram 15 fortificações nas margens ou nas proximidades da Barra do Rio Grande. Com a vitória militar portuguesa em 1776, tem início um período de expansão das atividades comerciais ligadas à pecuária e à charqueada riograndense. Nos primórdios do século XIX, Rio Grande era o principal centro de comércio da Capitania, estando o crescimento socioeconômico

ligado diretamente ao movimento portuário. A integração do Rio Grande de São Pedro aos circuitos mercantis da América portuguesa possibilitou a intensificação das trocas mercantis realizadas através do Porto do Rio Grande.<sup>49</sup>

A partir da década de 1820 o município se caracteriza pela expansão e consolidação do capitalismo comercial e do comércio de exportação e importação pelo Porto Velho do Rio Grande. A localidade é considerada por viajantes estrangeiros como o maior entreposto comercial do sul do Brasil. Comerciantes portugueses, alemães, ingleses, franceses e italianos instalam filiais de casas comerciais europeias nas ruas próximas ao Porto Velho (Riachuelo e Marechal Floriano), dinamizando um importante comércio internacional que ligou o Porto do Rio Grande com portos europeus e dos Estados Unidos.

Para buscarmos uma primeira e ampla reflexão, podemos pensar este longo período de eventos históricos constituídos por práticas complexas, mas relativamente sólidas e duradouras. Neste sentido, podemos interpretar de 1737 até o final da década de 1780 como uma cidade voltada ao controle militar e aos confrontos com os espanhóis, fundada numa identidade luso-brasileira

---

<sup>49</sup> BERUTE, Gabriel Santos. *Atividades Mercantis do Rio Grande de São Pedro: negócios, mercadorias e agentes mercantis (1808-1850)*. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História/UFRGS, 2011, p. 265.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

e açoriana. A partir da década de 1790 o comércio começa a se consolidar com a exportação de charque para outros portos brasileiros. Especialmente a partir da década de 1820, o comércio de exportação e importação controlado por alemães, ingleses, portugueses, italianos e franceses vai remodelar urbanisticamente a localidade e interligar o Porto do Rio Grande com os principais portos europeus, da costa leste dos Estados Unidos e do Rio da Prata. O trabalho do escravo negro foi essencial para o funcionamento desta sociedade escravista.

Grande parte das riquezas geradas no período colonial e imperial da História do Brasil estavam na dependência das relações escravistas. Nas vilas e cidades, a comercialização de utensílios de várias modalidades, de vegetais e frutas, de alimentos cozidos (as “quitandas”), além da prestação dos mais diferenciados serviços, era feita por pequenos comerciantes varejistas. Nesta atividade comercial destaca-se o escravo “de ganho”, o qual pagava uma diária (chamado “jornal”) aos seus donos e ofereciam ofícios à população urbana. Este escravo “de ganho” ficaria com o lucro excedente das vendas, como um estímulo a dedicação da atividade comercial. Seja nos centros urbanos ou no meio rural, os escravos são essenciais para o desempenho das atividades econômicas. Nas atividades de um comércio entre capitâncias feito no lombo de mulas através dos

tropeiros, ou em embarcações ligando portos brasileiros ou portos internacionais, a mão-de-obra muitas vezes está ligada ao escravo negro. E esta condição pode ser como agente da distribuição de produtos ou como a própria mercadoria, a ser vendida em áreas urbanas ou rurais que necessitassem de mão-de-obra. Portanto, o andamento dos trabalhos estava alicerçado na exploração da mão-de-obra do escravo negro. Este escravo urbano participava de inúmeras atuações ligadas à vida doméstica ou ao espaço da rua, tendo a sua mão-de-obra alugada por seu proprietário como forma de renda. Alugava-se para força braçal, lides artesanais, condução de canoas ou carroças, para serviços de cozinheiro, ama-de-leite, serviços domésticos etc.

No século XIX, as atividades comerciais alavancaram o crescimento econômico e financeiro da cidade do Rio Grande. Muitos comerciantes estavam aqui estabelecidos, voltados ao comércio de exportação, importação ou serviços comerciais voltados ao funcionamento da própria cidade: venda de alimentos, tabernas, restaurantes ou casas de pasto. Nas décadas de 1840-50, os moradores da cidade conviviam com uma série de problemas que a Câmara Municipal considerava como prioridades na aplicação dos recursos públicos. Estes recursos eram muito limitados frente às obras necessárias para incrementar a urbanidade perante o crescimento populacional. A renda municipal restringia-se aos impostos do talho público; afilação sobre carros, carretas e carroças; sobre tulhas de madeiras e de lenha;

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

sobre espetáculos dramáticos; alvarás de licenças, multas por infração de posturas, leis e regulamentos do governo; de laudêmios; de foros de terrenos; de rendimento da praça do mercado.

As prioridades detectadas pela Câmara Municipal, possibilitam um panorama das carências e investimentos necessários ao centro urbano. Os comentários a seguir foram tirados dos relatórios da Câmara Municipal do Rio Grande no período de 1845 a 1856.

A cidade ressentia-se de iluminação pública, pois em 1851, existiam somente 120 lampiões distribuídos pelo centro urbano. “É limitadíssimo este número como a Câmara fez ver em outra ocasião. Há necessidade de mais 60 lampiões para que a cidade venha a ter iluminação”. Este ramo do serviço público “não tem sido aqui administrado de um modo útil e efetivo, e até nestes últimos meses, tem havido suspensão”. Em 1856, a situação permanecia a mesma. A iluminação pública “compõe-se atualmente de 120 lampiões. Este número é muito limitado para as 32 ruas desta cidade que tem as longitudinais 700 braças de extensão e as transversais 350 pouco mais ou menos, com 1.732 propriedades. Os mesmos lampiões, acham-se colocados em distância tal uns dos outros que pouca claridade dão as ruas. Convém que seja esse número aumentado, pelo menos, com mais 60, incluídos os que são precisos colocar nos ângulos da cadeia”. A iluminação da cadeia também era insuficiente, pois a verba designada para esta despesa era diminuta, passando de 96\$000 rs para 36\$000 rs, em razão de ser “muito maior o edifício e estarem os presos classificados, segundo a lei, o que então não acontecia. Tendo-se aumentado a custas dos processos pelo novo

regimento, há necessidade também de aumentar aquela verba”.

Em relação às ruas da cidade, muitas tornavam-se alagadiças e intransitáveis no inverno devido à falta de aterramento. Outras ruas necessitavam serem abertas como era o caso da Rua do Rosário que acabava na rua do Pito, podendo ser aberta a Rua Direita, afinal, podendo contar a Câmara com a cooperação dos moradores, pequena seria a despesa municipal com as obras. Conforme o relatório de 1853, na “estação invernosa” a parte mais frequentada e importante da cidade, isto é, a praça municipal, desde a casa ocupada pelo comando da guarnição até o edifício da Alfândega tornava-se quase intransitável devido aos pântanos e alagadiços. “A Câmara querendo curar deste mal, tem em vistas mandar fazer um lajedo dessa distância em direção, com o qual, calçados os pontos por onde passam as carroças e carros, ficará a principal rua da cidade com um melhoramento digno dela”. Em 1855 o relatório apontava que alguns avanços estavam sendo realizados, porém “a experiência tem, contudo, mostrado que os aterros das ruas não é o meio econômico de melhorá-las. O calçamento delas é tudo...”.

A dificuldade no deslocamento de pedestres e carroças pelas ruas não está associado somente ao excesso de chuvas no inverno, mas também ao acúmulo de areia em todas as estações. Este *quadro arenoso* foi registrado, acentuadamente, por cronistas estrangeiros que visitaram a cidade na primeira metade do século XIX. Em 1780, o engenheiro Sebastião Betamio apresentou uma série de propostas para conter o avanço das *montanhas de areia* que se deslocavam no centro urbano fazendo desaparecer residências e ruas em

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

poucos dias. Porém, conforme informação da Câmara, graças a recursos enviados pela presidência da Província, “tem sido espantoso o alívio das areias que ameaçavam submergir a cidade”. Neste sentido, era necessário que o corpo legislativo provincial se continua a liberar recursos aplicando “metade dos rendimentos da décima dos prédios urbanos desta cidade, por espaço de dez anos, poderemos contar ao certo, que será consumido de todo este flagelo, e a Província contará uma de suas principais cidades no estado o mais fluorescente e importante.”

Um problema destacado pela Câmara refere-se à demora dos correios de terra que provocavam graves prejuízos ao comércio. “Quinze e mais dias se consomem na ida e volta das correspondências desta cidade para essa capital, quando oito seriam para isso suficientes”. O caminho terrestre era extremamente moroso e neste sentido há uma manifestação para que a correspondência seja enviada até Porto Alegre pela Lagoa dos Patos: “continua a morosidade e irregularidade dos correios entre a capital da província e esta cidade por terra e conhecendo-se a vantagem deles pelas barcas de vapor, seria útil contratar-se com algum dos proprietários das mesmas a condução das malas em dias determinados, com o que lucrariam os cofres públicos e o comércio”. O deslocamento terrestre até Pelotas era difícil pela necessidade de construir uma ponte no distrito do Povo Novo, no arroio do Arraial, e uma ponte de barcas no Liscano junto ao Canal do São Gonçalo, que dependia da atuação de particulares para a passagem da produção das charqueadas e deslocamento de pessoas. O caminho para o Taim estava prejudicado pela falta de uma ponte no arroio do Sangradouro,

dificultando a passagem para o sul. A Ilha dos Marinheiros, “sendo o lugar que abastece a cidade de lenhas, hortaliças, etc, é também a melhor distração e recreio que a natureza legou, nos subúrbios, a uma cidade como Rio Grande que tendo tanto de importante como praça comercial quanto de pouco aprazível” encontrava-se em períodos de mal tempo isolada da cidade pela falta de um caminho terrestre, daí a proposta de construção de uma ponte ligando ao continente. Constatem a atualidade desta reivindicação, pois cerca de 150 anos depois, somente agora vislumbra-se a concretização de uma antiga necessidade.

O cais do porto (atual Porto Velho) também era uma obra necessária que somente foi realizada entre 1872-1876 após longos debates na Assembleia Legislativa. Em 1852 a Câmara denunciava que a estacada de todo o litoral da praça Municipal estava em completa ruína (trecho não retratado nas aquarelas de Wendroth). Neste sentido, elaborou-se um projeto de recuperação do ancoradouro que estava progressivamente sendo obstruído através da edificação de um cais de pedra que começava na paliçada do extinto arsenal de marinha para o lado leste. O alto custo do projeto preocupou os vereadores pelo “plano gigantesco” que poderia trazer dificuldades insuperáveis ao “estado pouco lisonjeiro dos cofres provinciais”, pois a aprovação estava na dependência da Assembleia Legislativa, porém para a Câmara, a solução estava no financiamento da obra pelos próprios proprietários interessados num porto em boas condições para a atividade marítima e lacustre. Efetivamente, o debate estendeu-se por duas décadas...

## Os cenários urbanos

No contexto histórico do comércio de exportação e importação, não é de estranhar que chamou a atenção de Wendroth os vários navios atracados no porto. A maioria são navios a vela, mas, os vapores também se fazem presente.

Na aquarela reproduzida a seguir, se observa a Rua da Boa Vista (desde 1865 se chama Rua Riachuelo) sendo o cais construído com estrutura de madeira (estacadas), exigindo intervenções de manutenção frequentes. O espaço entre os prédios e o cais era muito menor do que o atual e não há armazéns para guardar os produtos. Isto era feito pelas próprias casas comerciais que os armazenavam ou ficavam estocados/apreendidos no prédio da Alfândega. Neste período, era o antigo prédio da Alfândega e não o atual que foi construído entre 1874-1879. O cais de concreto, ampliando a largura da Rua Riachuelo, foi construído entre 1872-1876.

A Rua da Boa Vista (inicialmente chamada de Rua Nova das Flores) surgiu em meados da década de 1820 com o aterramento da margem da Lagoa dos Patos. Até então, a fachada do casario ficava de “costas” para o Porto e ficava de frente para a Rua da Praia (atual Rua Marechal Floriano). Portanto, este casario retratado por Wendroth tem no máximo 25 anos e a maioria não deve ter sido construído a mais de uma década. É um

crescimento urbano muito intenso devido ao incremento do comércio naval em nível internacional, de cabotagem na costa brasileira e pela Lagoa dos Patos e Lagoa Mirim. Prédios de dois, três e até quatro pisos são observados na aquarela. Para os comerciantes, ficar junto ao Porto era essencial para acompanhar e facilitar a movimentação de carga e descarga de mercadorias. Os sobrados, normalmente, tinham um mirante para observar o movimento portuário da Barra do Rio Grande. Desta forma poderiam se organizar com agilidade para os processos de liberação de carga junto a Alfândega e para a organizarem a mão-de-obra envolvida na movimentação das mercadorias e das matérias-primas.

O pintor alemão ressalta o trabalho realizado por escravos negros no porto. Ele mostra uma pequena embarcação com quatro remadores que está rebocando outra embarcação com dois remadores e barris e uma terceira embarcação que transporta apenas barris. De acordo com o calado do navio, era necessário ficar mais afastado do Porto ou ficar no Cais de São José do Norte que tinha um calado mais profundo. Utilizava-se catraias (embarcações de menor calado, mas, que conseguiam trazer um volume razoável de mercadorias) ou estes pequenos barcos. Situação sofrível para os remadores para cruzarem às águas agitadas e os quase seis quilômetros de largura da Lagoa dos Patos entre Rio Grande e São José do

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Norte. No cais se observa pessoas caminhando e negros descarregando barris de uma pequena embarcação.



Figura 11 Esboço de uma vista do Porto do Rio Grande do Sul.



Figura 2 Embarcação com produtos dos navios.

Utilizando o livro de Alvim Johnson's que reproduz as bandeiras usadas pelos países na

navegação oceânica em 1868, foi possível identificar a procedência da maioria dos navios atracados no Porto do Rio Grande: Brasil, Estados Unidos, França, Dinamarca, Países Baixos, Hamburgo e Bremen<sup>50</sup>.

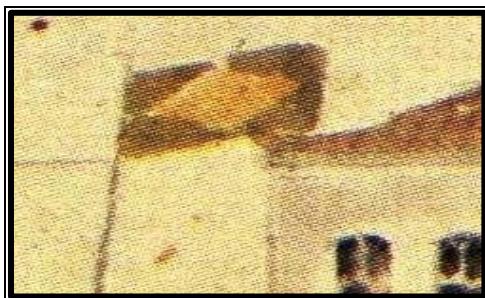


Figura 3 Duas embarcações tinham a bandeira do Império Brasileiro.

---

<sup>50</sup> Dos cinco milhões de alemães (Confederação dos Estados Alemães) que imigraram para o Brasil, Estados Unidos, Argentina, Austrália e Canadá no século XIX, a maioria partiu dos portos de Bremen e Hamburgo.

HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE  
DO RIO GRANDE

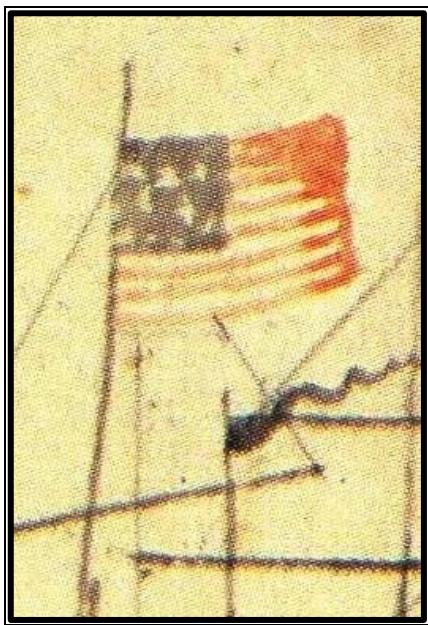


Figura 4 Estados Unidos da América.

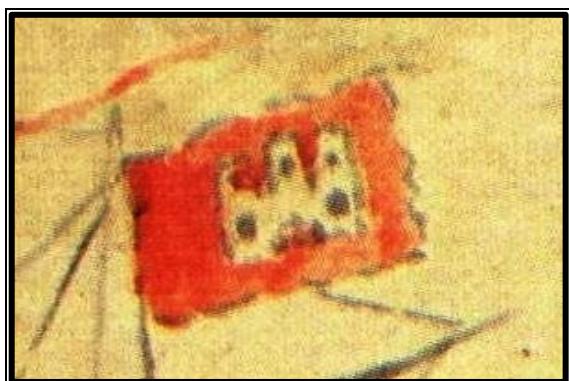


Figura 5 A bandeira vermelha com dístico no centro e  
âncora é de Hamburgo

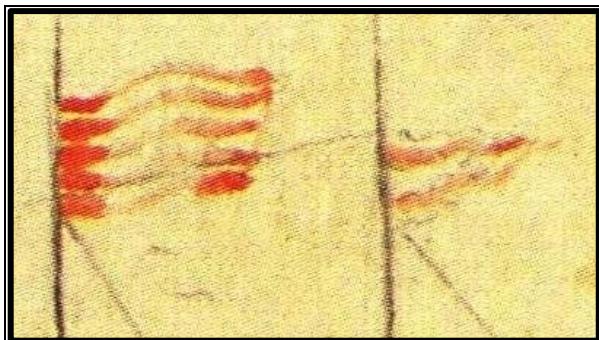


Figura 6 Bandeira com listas vermelhas e brancas horizontais. Bremen (Alemanha).



Figura 7 Países Baixos ou Luxemburgo.

HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE  
DO RIO GRANDE

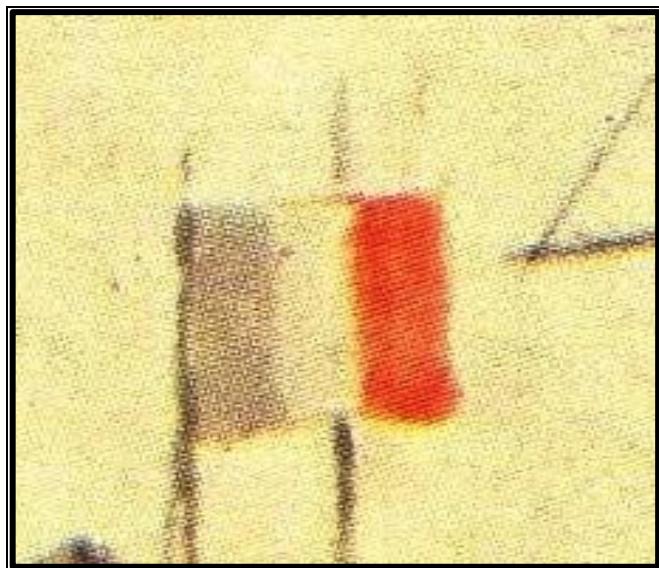


Figura 8 França.

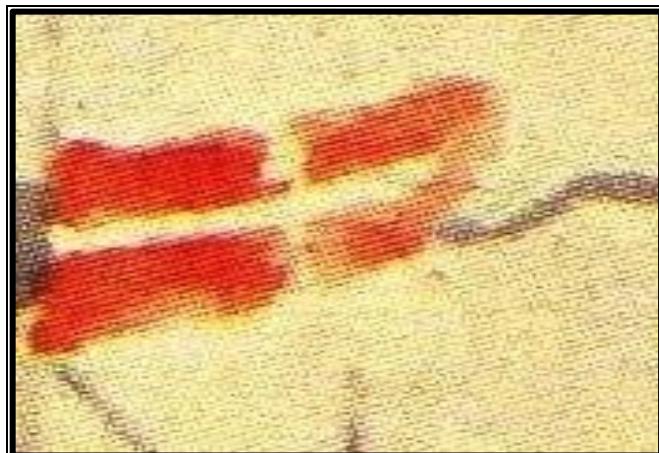


Figura 92 Danish Merchant (comerciante dinamarquês) -  
Dinamarca.

Bandeira não identificada com uma águia. A hipótese é ser europeia (usada por tempo efêmero por um dos estados da Confederação Germânica ou pela Áustria), porém, não foi localizada na relação de Johnson's ou em outras fontes.



Figura 103 Bandeira não identificada.

A seguir o levantamento publicado por Alvin Johnson's que traz a relação das bandeiras e respectivos países (*national emblems*) que eram atuantes no comércio marítimo internacional em meados do século XIX.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE



Figura 11 JOHNSON'S, Alvin.<sup>51</sup>

Outro desenho, que não recebeu aquarela e alguns elementos foram modificados, foi elaborado a partir desta imagem base do Porto do Rio Grande. É uma estratégia utilizada por Wendroth em vários desenhos. Os prédios da Rua da Boa Vista

<sup>51</sup> JOHNSON'S, Alvin. *Jewett new chart of national emblems. Print showing the flags of various countries, those flown by ships, and the Signals for Pilots. In the top left corner is the United States 35-star flag, in the top right corner is the Royal Standard of the United, New York, 1868.* Biblioteca do Congresso Americano.

mantiveram-se com uma alteração de perspectiva como se a imagem fosse um pouco mais próxima.



Figura 12 Vista do Porto do Rio Grande.

Os personagens que estavam no cais também foram alterados. O movimento de navios é que sofreu maior modificação, permanecendo, no mesmo lugar, apenas o vapor do Império Brasileiro enquanto outro vapor brasileiro está zarpando. Navios estão posicionados em lugares diferentes e a maioria sem o velame. Embarcações menores a vela estão chegando ao porto e outra embarcação a remo está trazendo mercadorias. A imagem transmite o trabalho intenso de circulação de mercadorias.



Figura 13 Movimento intenso de embarcações.

A última vista do Porto do Rio Grande inverte o ângulo de visão. É como se da janela do segundo piso de uma das casas comerciais da Rua da Boa Vista se observa o cais e o trabalho de carregamento de mercadorias. Negros estão fazendo o trabalho de estivadores e um homem está vigiando os movimentos com as mãos para trás. Embarcações estão ancoradas e um vapor está passando em frente ao cais. No horizonte está a cidade de São José do Norte. A imagem mantém a atividade comercial frenética das anteriores e apenas um navio está com a bandeira hasteada que é da Dinamarca<sup>52</sup>. Os volumes a serem carregados

---

<sup>52</sup> Em duas aquarelas apareceu este navio da Dinamarca. Isto é interessante, pois, o ódio dos brummers que lutaram pelo exército de Schleswig-Holstein para libertar-se do jugo da Dinamarca e foram derrotados, não impediu que Wendroth se detivesse em representar a embarcação. A motivação para o

possuem uma numeração (9,12,50,51...). A movimentação portuária exige um acompanhamento contínuo para garantir o envio e recebimento correto dos produtos evitando prejuízos financeiros ou ações judiciais das partes prejudicadas. Um homem negro elegantemente vestido com casaco e gorro vermelho conversa com um homem de cartola. É um negro livre que deve ocupar um cargo de fiscalização do trabalho dos escravos ou até ser um proprietário/fornecedor de mão-de-obra escrava. O que se constata, e Wendoroth insiste com pertinência em ressaltar em seus desenhos, é que o trabalho negro é essencial para movimentar os mais diferentes setores produtivos da sociedade Rio-grandense oitocentista.

---

Brasil recrutar mercenários na Alemanha foi exatamente o grande contingente de militares frustrados e desempregados que circulavam após a derrota militar por este exército. Teria existido os brummers se não fosse à vitória da Dinamarca?

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

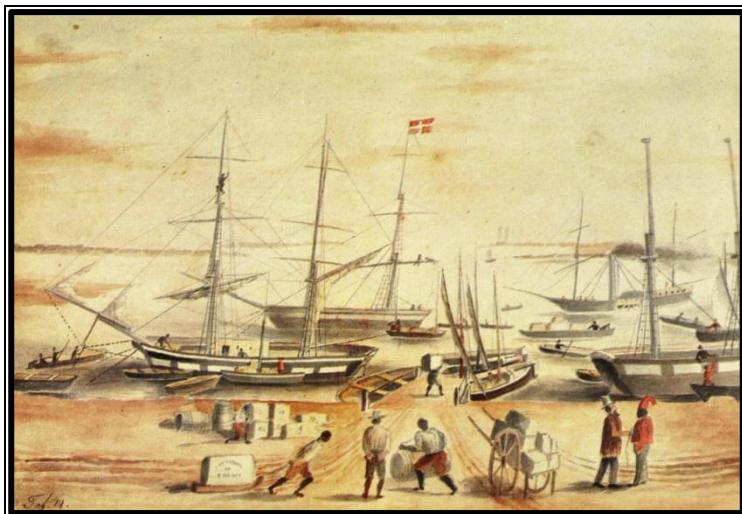


Figura 14 Cais do Rio Grande.



Além dos retratos do Porto o pintor alemão elaborou as duas únicas imagens detalhadas do Cemitério do Bomfim na cidade do Rio Grande.



Figura 15 Cemitério do Bomfim.

Este cemitério foi planejado em 1832 e passou a ser administrado pela Santa Casa em 1842. A entrada do cemitério, onde, no desenho, dois religiosos estão conversando, ficava na Rua da Alfândega (atual Rua dos Andradas) e a pequena capela e o paredão com catacumbas ocupava parte da Rua do Castro (atual Duque de Caxias). A Câmara Municipal ordenou ao fiscal em agosto de 1850 a medição para abertura desta rua no trecho que o Cemitério do Bomfim estava ocupando. Porém, era necessário decorrer o tempo necessário para serem consumidos os cadáveres que naquele trecho haviam sido sepultados. Possivelmente, quando fez esta aquarela, não havia ocorrido a abertura da Rua do Castro. Com a epidemia do cólera em 1855, o cemitério foi desativado pelo

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

excesso de enterramentos decorrente do *morbus* que ceifou mais de 700 pessoas em Rio Grande.

Ele também fez um esboço do cemitério e da capela a partir do qual pode ter sido elaborada a aquarela. Junto a esse esboço está a imagem de uma lápide de uma das carneiras (gavetas). Esta lápide se refere a uma criança que morreu com dez anos de idade em 1830. Deve se tratar de um enterramento “secundário” (foi enterrado em outro cemitério - possivelmente em frente à Igreja Matriz de São Pedro (atual Largo Dr. Pio) e transladado, posteriormente, para o Bomfim (onde os enterramentos devem ter iniciado no final da década de 1830).

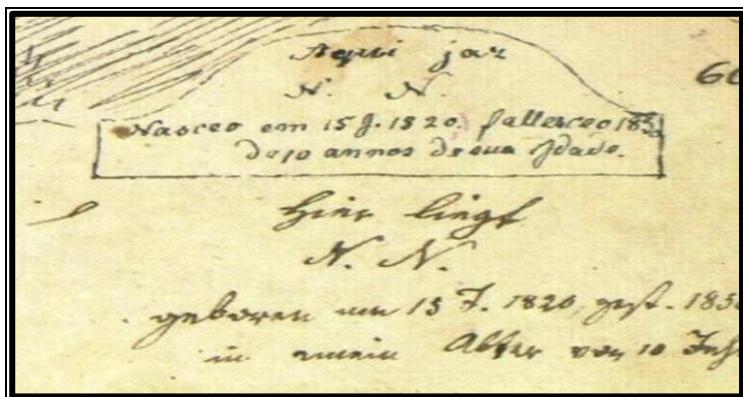


Figura 16 Lápide.

Outro esboço é o de um carro fúnebre, de estrutura simples e que era administrado pela Santa Casa.

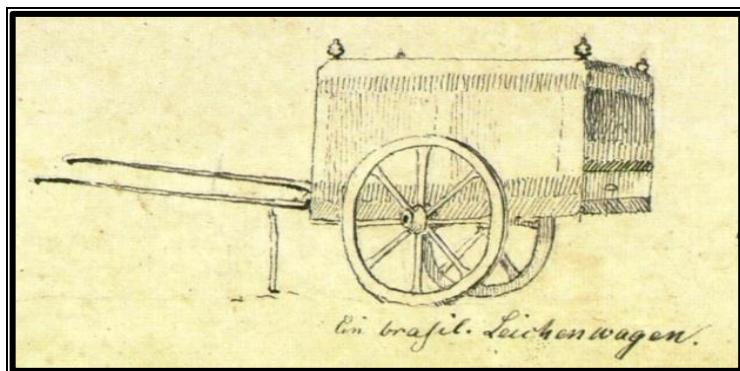


Figura 17 Carro fúnebre.

Dos mais de cinco mil enterramentos ocorridos no Bomfim, aproximadamente a metade, eram de escravos. Este carro fúnebre “popular” contrasta com a sofisticação do carro fúnebre de uma aquarela por ele realizada em Porto Alegre. A aquarela de Wendoroth contribuiu para elucidar as proporções da capela: uma imagem de 1943 reproduziu a suposta Capela do Bomfim e parte do cemitério.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE



Figura 18 Cartão mostrando a imagem fictícia do Cemitério.

De fato, era apenas uma ilustração livre, mas, passou a ser uma referência real do prédio. Wendroth desenhou a Capela e as catacumbas em sua dimensão real e não imaginária.

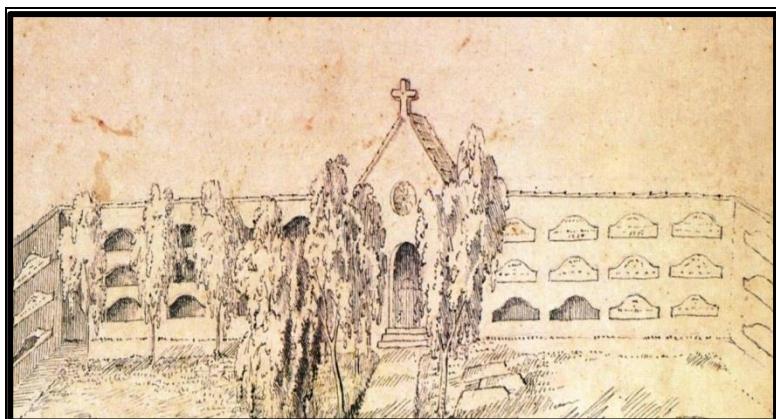


Figura 19 Cemitério do Bomfim.

Atualmente, no local está edificada uma praça infantil com a entrada para a Rua Duque de Caxias. Esta disposição atual faz com que a dedução errônea é de que a entrada do Cemitério era pela atual Rua Duque de Caxias.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

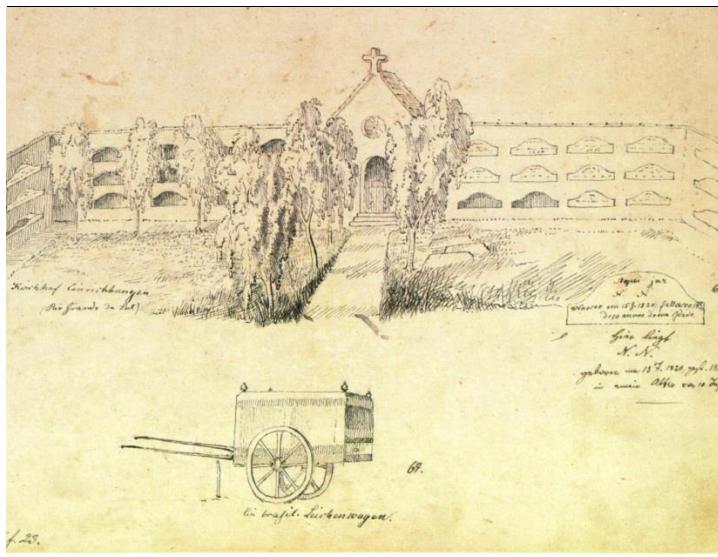


Figura 20 Cemitério do Bomfim, carro fúnebre e lápide.

A análise das imagens do cemitério evidencia, mais uma vez, a importância da iconografia de Wendroth como fonte histórica. O artista não poderia imaginar o cenário de abandono deste local frente a um evento pandêmico que foi o cólera. O Irmão Provedor da Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Rio Grande Porfírio Ferreira Nunes elaborou um relatório datado de 14 de julho de 1861, que contém o resgate de acontecimentos e uma descrição das condições do *cemitério geral* instalado a partir de dezembro de 1855: “Ainda estão presentes à vossa imaginação as cenas de pranto e dor que presenciamos na calamitosa quadra de novembro de 1855 a março de 1856 quando a epidemia assolava esta cidade e pesava cruelmente sobre seus habitantes. E a este funesto acontecimento com que a Providência Divina quis castigar o povo brasileiro, que é

devida a existência do cemitério geral no local onde se acha. O *cólera morbus*, ceifando impiedosamente crescido número de vítimas, fez que esta população, transida de terror, pedisse os enterramentos em lugar mais distantes que o cemitério do Bomfim. O povo julgava que com isto atenuava o mal que o acabrunhava, ou pelo menos pensava afastar, o alimento que para o futuro pudesse dar forças à epidemia que tantas lágrimas fazia derramar". Mais de quinhentas pessoas morreram de cólera no município que tinha doze mil habitantes. Se Wendroth estivesse na cidade poderia ter sido uma das vítimas.

Como hipótese, se considera que Wendroth elaborou estes desenhos da cidade do Rio Grande após sair do hospital. No dia 20 de setembro ele ainda estava internado, mas, deve ter recebido baixa nos dias seguintes.<sup>53</sup> No hospital, ele afirma que já

---

<sup>53</sup> O desligamento de Wendroth não foi uma exceção, pois, conforme Hormeyer em Rio Grande está "aquadelado, de momento, o Segundo Regimento de Artilharia a cavalo, a saber, as quatro baterias alemãs alistadas em Hamburgo. Zombeteiramente podem ser chamadas de artilharia montada, visto que mal tem canhões, para não falar de que não tem animais de tração nem cavalos para montar. O corpo que, inicialmente, tinha um efetivo de 700 homens, conta, como dizem, atualmente (fins de setembro de 1852) apenas 300; os outros desertaram em grupos de 20 a 30 homens, não sendo tampouco perseguidos pelas autoridades por se realizar, de maneira barata, a dissolução do corpo a qual por todos os lados é desejada". HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional*. Porto Alegre, D.C. Luzzato, Ed.: EDUNI-SUL, 1986, p. 37.

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E LITERATURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

havia sido “despojado das insígnias”, ou seja, foi desligado da Legião Alemã.<sup>54</sup> Possivelmente, entre outubro e novembro de 1851 realizou os desenhos em Rio Grande, pois, em dezembro já estava em suas excursões ao Rio dos Sinos e Rio Taquari.

E tantas dúvidas ficam sobre a trajetória deste personagem. Ninguém realiza pinturas desta forma sem alguma experiência artística prévia. Qual a sua história de vida? Como ele aprendeu a arte? Com que mestre estudou? Que produção deixou na Alemanha? Porque sua produção artística desaparece após estas gravuras/aquarelas do período de 1851-52? Suas experiências de militar, mercenário,<sup>55</sup> minerador, galanteador e aventureiro,

---

<sup>54</sup> Em Rio Grande formou-se um “Contingente de Reserva” dos *Brummer*, constituído por oficiais e praças, infantes e artilheiros na condição de presos, doentes, inválidos, artífices, retardatários ou desertores arrependidos, ou seja, aqueles que haviam ficado para trás pelos mais diversos motivos. Em novembro de 1851 eram cerca de 150 homens. As prisões de Rio Grande estavam tão cheias de legionários que às vezes era preciso soltar alguns presos para colocar outros em seu lugar. PIASSINI, Carlos Eduardo. *A Participação Política de Imigrantes Germânicos no Rio Grande do Sul: os brummer Kahlden, Haensel, Koseritz e Bruggen, 1851-1881*. Santa Maria: Mestrado em História UFSM, 2016.

<sup>55</sup> De acordo com Lemos [...] esses voluntários desmobilizados, em sua gritante maioria, eram moços alemães ideologicamente frustrados devido ao arrasador fracasso das revoluções de 1848; politicamente indignados com o esvanecimento do acalentado sonho de uma unificação alemã, com a retirada prussiana da Dinamarca; espiritualmente desiludidos de seus

tornam seu cenário um quadro vivo de suas vivências. Viveu intensamente e morreu no esquecimento, nem sua lápide ainda foi encontrada. Porém, ele deixou as pinturas como perenização de sua passagem pelo Rio Grande do Sul e pela cidade do Rio Grande.

---

líderes e causas europeias, sentindo-se mesmo traídos e abandonados em seus ideais. Em suma, almas desorientadas em busca de novos valores. Pior de tudo, com o sustento pessoal comprometido". LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Brummers: A Legião Alemã contratada pelo Império Brasileiro em 1851*. Porto Alegre: Edigal, 2015, p. 90.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
AbERTA   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025

